

Tiragem  
300 exemplares

Capa e  
Organização  
Dallmer P R de Assis

Diagramação Eletrônica  
Edem Gráfica

Realização  
Secretaria de Educação Cristã do Presbitério Rio Preto

É proibida a distribuição deste material sem a autorização do Presbitério Rio Preto e do Conselho da 1ª Igreja  
Presbiteriana Independente de São José do Rio Preto.

São José do Rio Preto  
Dezembro de 2007

## APRESENTAÇÃO

O presente caderno é fruto do I Simpósio de Educação Cristã organizado pelo então Presbitério da Araraquarense, agora Presbitério Rio Preto, em parceria com a 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São José do Rio Preto. Naquela ocasião divulgou-se a publicação de um caderno que fosse incentivador ao desafio de “Ensinar e Aprender”, tema do Simpósio.

O que se apresenta a seguir é uma síntese dos três dias de discussão sobre educação cristã, contextualização do ensino nas igrejas, a inter-relação entre ensino secular e ensino cristão e o padrão bíblico de pedagogia usado principalmente nas escolas dominicais. Assim, dois artigos são de autoria do Reverendo Silas de Oliveira, preletor do Simpósio. Ele traça um paralelo interessante entre a pedagogia de Jesus e o contexto social hoje, chamando a atenção para os desafios de uma educação cristã contextualizada. Também, o Reverendo Gustavo Britto, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, contribui de forma sintomática fazendo o leitor refletir a necessidade de uma reavaliação da educação cristã nas igrejas evangélicas. Depois os Reverendos Jonas Furtado do Nascimento e Adilsom de Souza Filho, respondendo positivamente ao convite da organização para contribuírem com o caderno, eles escrevem sobre a missão e a liturgia respectivamente, em uma sadia analogia com a educação cristã. Por fim, faço eu uma proposta de estudo da hermenêutica bíblica apontando para a necessidade de sua contextualização.

Entregamos esse caderno que possivelmente será o primeiro de uma série na qual seu objetivo principal é a educação cristã e seus desafios para o século XXI. Nosso sincero agradecimento a todos que participaram do Simpósio, dos que contribuíram ao escrever para esse caderno, à Comissão Executiva do Presbitério Rio Preto e ao Conselho da 1ª Igreja Presbiteriana Independente.

Organizador  
Reverendo Dallmer PR de Assis

## **SUMÁRIO**

### **A PEDAGOGIA DE JESUS: UM CONVITE À CIDADANIA NA PERSPECTIVA DO REINO DE DEUS**

Silas de Oliveira

### **PISTAS DIDÁTICO/PEDAGÓGICAS E PASTORAIS PARA A PRÁXIS EDUCATIVA. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Silas de Oliveira

### **A NECESSIDADE DE REVER A EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Gustavo de Brito

### **EDUCAR PARA A MISSÃO: REDESCOBRINDO UM IDEAL REFORMADO**

Jonas Furtado do Nascimento

### **PRESBITERIANISMO E DOUTRINA REFORMADA**

Adilson de Souza Filho

### **PEDAGOGIA DA FIDELIDADE NA TRANSMISSÃO DO TEXTO SAGRADO**

Dallmer Palmeira Rodrigues de Assis

## **A PEDAGOGIA DE JESUS: UM CONVITE À CIDADANIA NA PERSPECTIVA DO REINO DE DEUS**

Textos para reflexão:  
Mateus 25:31-46; Marcos 6:30-52; Lucas 17:11-19; 24:13-35

### **INTRODUÇÃO**

Gostaria de iniciar esta reflexão com a seguinte pergunta: existe algo em comum entre você e o menino de rua? Aquele garoto que todos os dias está na esquina de sua casa, no farol, onde você parado fecha o vidro apressado com medo de ser assaltado? Há semelhança?

Humildemente precisamos reconhecer que existem muitas semelhanças. A maior delas é que somos todos seres humanos, criados à imagem e semelhança do mesmo Deus. Ele nos fez para a sua própria glória, entretanto em muitos momentos nos afastamos da sua infinita graça e acabamos perdendo a perspectiva de uma vida de paz e amor.

Por outro, a situação das pessoas em suas mais diversas dificuldades sociais, não pode ser tratada como sinônimo do pecado, mas sim como omissão daqueles que conhecendo o amor de Deus, deixam de compartilhar suas experiências cristãs, não trabalhando no sentido de restaurar a dignidade humana. Quando, como cristãos omitimos nossa voz profética, deixando de denunciar o mal e de oferecer aos homens e mulheres do nosso tempo a proposta do bem, deixamos de cumprir a ordem divina quando disse “*que sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer*” (Mt 25:45).

Desejamos que este trabalho nos inspire, levando-nos à reflexão e ao compromisso com vidas que carecem conhecer o amor de Deus.

### **1. DEFININDO CIDADANIA**

Gilberto Dimenstein, conhecido jornalista da Folha de São Paulo, em seu livro “O Cidadão de Papel”, define **cidadania**, entre outras coisas, como sendo “o direito de viver decentemente”. Assim sendo, vivemos em uma sociedade onde a engrenagem desajustada provoca desemprego, falta de escola, desnutrição, violência etc.

Nesse livro, Dimenstein trabalha especificamente a questão da criança e da adolescência, dizendo que é preciso investir na infância, pois a nossa infância é frágil como o papel. Tal fragilidade é visivelmente observada por todos, quando presenciamos cenas grotescas de violência (em todos os aspectos) em meio à sociedade moderna. Em certos casos, parece que estamos anestesiados diante de tanta violência, que não mais nos comove quando presenciarmos crianças dormindo na rua e tendo como refeição diária um pouco de cola, idosos em grandes filas do INSS, mortes, prostituição infantil, assaltos, etc. Parece que em certos momentos, estamos impermeabilizados diante de tal situação.

Em contrapartida, quando olhamos para Jesus Cristo, descobrimos um “Deus conosco” indignado com a maldade e a insensibilidade humana para com o próximo. Creio que estamos em meio a uma enorme crise de fraternidade cristã, devido à ausência de “bons samaritanos” modernos. Os dados relacionados a seguir poderão, a princípio, nos assustar, porém, com certeza nos incomodará, pois são dados que questionam a nossa fé, bem como o evangelho que pregamos, ensinamos e vivemos.

## 2. DADOS PARA REFLEXÃO

Vivemos em um país aonde:

- milhões de **crianças** não tem acesso à escola, apesar de grandes campanhas como ‘TODA CRIANÇA NA ESCOLA’. Infelizmente, **a rua tem sido a escola das nossas crianças**. Dados da **Unicef** afirmam que mais de 100 milhões de crianças vivem nas ruas em todo o mundo.
- as **crianças e os idosos** são os mais violentados pela sociedade devido às questões frágeis que envolvem a própria idade.
- dos 17 milhões de **aposentados**, cerca de oitenta por cento recebem apenas 1 salário mínimo
- 1.000.000 (um milhão) de **adolescentes** ficam grávidas todos os anos, na idade entre 10 e 19 anos. Isso sem contar os casos de abordos em clínicas clandestinas
- a **violência** bate à porta das nossas casas todos os dias. Mata-se aqui, em dois anos, mais do que o total de soldados norte-americanos mortos durante toda a guerra do Vietnã. Lá morreram 48 mil americanos (em dez anos de guerra). Aqui, são mais de 26 mil assassinatos por ano. Há uma guerra civil implantada e muitas vezes disfarçada.
- ser chamado de **pobre** deve ser considerado privilégio diante da indigência vigente. Em nível estatístico temos cerca de 64,5 milhões de pobres no Brasil. Destes, cerca de 33,7 milhões vivem como indigentes, com um rendimento familiar inferior a ¼ de salário mínimo (cerca de R\$ 95,00 por mês).
- a cada **chiclete** que mastigamos, pagamos 30% de impostos.
- a **fome** atinge 32 milhões de brasileiros, ou seja, 9 milhões de famílias defrontam-se diariamente com esse problema.
- em **Londrina**, meninas e adolescentes de dez a dezessete anos estão se prostituindo, com o consentimento dos pais, como alternativa à fome. No dizer de uma adolescente “é melhor se prostituir do que mendigar”.

Situações como essa somente podem receber a indignação dos céus, diante de uma realidade totalmente diferente dos princípios proclamados por Cristo.

**Em todo o mundo temos cerca de 1 bilhão de pessoas passando fome. Com tudo isso e muito mais, só podemos produzir mesmo cidadãos de papel.**

### 3. EDUCAÇÃO PARA O REINO DE DEUS

Há uma frase que durante algum tempo foi exibida em um comercial de televisão que dizia o seguinte: “o princípio da cidadania está no princípio da vida e o princípio da vida está na educação”.

Falar de Educação Cristã é falar de vida. Quando pensamos nos princípios que envolvem diretamente a palavra educação, somos chamados a repensar a vida a partir do conceito de que esta é uma dádiva de Deus. A verdadeira educação deve produzir no ser humano a capacidade de sentir-se digno da bênção da Deus.

Educação é prioridade do Reino de Deus e o grande desafio da sociedade. Todos os demais princípios passam por ela. É dela que vem a instrução para o desenvolvimento de outros ministérios. A comunidade cristã que não se preocupa com tão grande desafio do Evangelho, passa a negligenciar as orientações vivas do Mestre, que fez de sua vida uma verdadeira aula diária a todos aqueles que dele se aproximavam. Assim agindo, negligenciamos os princípios do Reino de Deus que visam, em Cristo, produzir verdadeiros cidadãos.

Somos desafiados a um repensar constante das nossas práticas educativas à luz das Escrituras. Conscientes das reais necessidades que se apresentam diante de nós necessitamos com planejamento sólido, traçarmos objetivos coerentes aos nossos anseios.

Todo o esforço do trabalho aqui realizado durante este Simpósio, somente será considerado válido, se daqui sairmos com projetos concretos de mudanças.

Os textos bíblicos indicados acima nos chamam a atenção para o mesmo aspecto: exercer a cidadania a começar pelo ensino. Nos dois primeiros (Mateus) Jesus está ensinando e pregando, simultaneamente, o Reino de Deus. As palavras apenas não bastam. É preciso algo mais. **Jesus desafia os seus seguidores a uma educação integral, em outras palavras, a um evangelho integral.**

É impossível falar e viver a idéia de Reino de Deus, sem pensar no ser humano como um todo. A preocupação do Mestre sempre esteve voltada ao **corpo e a alma**. Não podemos fazer uma dualidade, dando-nos ao direito de modificarmos os princípios do Reino, achando que o pobre merece ser pobre, achando que o ladrão merece a pena de morte, enfim, achando que problemas sociais são problemas que somente o estado tem a obrigação de resolver. *Se Jesus fosse esperar que o governo romano alimentasse aquela multidão todos teriam morrido de fome.*

Servir o outro é uma questão de iniciativa que vem do Espírito. Iniciativa que passa pelo projeto de Deus em favor do ser humano. Deus intervém na vida humana e implanta seu projeto através das atitudes de Cristo. Desta forma, o Reino é dádiva de Deus e cabe aos seus filhos e filhas a proclamação da mensagem de vida, pois ao mesmo tempo em que se apresenta como sendo um convite, conclama a responsabilidade.

Diante de tantas necessidades e crises vividas pelo ser humano, somos chamados à reflexão dos princípios desafiadores propostos pelo Reino de Deus. Princípios de restauração e reconstrução de vidas, onde Deus mesmo é Senhor.

#### **4. A PEDAGOGIA DE JESUS NO CAMINHO DE EMAÚS**

Este é um dos mais belos relatos registrados pela Palavra de Deus, que apresenta Jesus como o Mestre por excelência. A história acontece em um momento especial na vida dos discípulos - momento pós-ressurreição. Podemos perguntar: qual era a situação desses discípulos e seu estado de ânimo? É claro que o momento merecia uma atenção especial. Observemos o contexto em que tudo aconteceu.

Era domingo, o primeiro dia da semana. Dois discípulos decidem ir até uma aldeia chamada Emaús, cerca de 11 km de Jerusalém. Imaginemos umas duas horas de caminhada. Era tempo suficiente para muita conversa, muito desabafo e muita imaginação. Aliás, conversa, desabafo, imaginação, frustração etc era o que não faltavam àqueles dois discípulos. Pensavam que o projeto de Deus, realizado em Cristo, havia fracassado. Toda a esperança de redenção não mais se fazia presente no coração daqueles homens. Ali somente havia tristeza e preocupação.

Observando os acontecimentos históricos narrados pelos evangelistas que descrevem a paixão de Cristo, podemos imaginar a situação daqueles discípulos. Interessante notar que é exatamente em meio às tragédias e tristezas da vida que o Mestre se apresenta com uma nova proposta de ensino e orientação.

Temos, nesta história, uma bela orientação didático/pedagógica sobre como educar sob a perspectiva do Mestre dos mestres. Convido você, a uma re-leitura do texto, e porque não dizer fazendo uma boa caminhada, descobrindo os principais métodos utilizados por Jesus na formação dos seus discípulos.

##### **4.1 Pedagogia do Caminho (13-15)**

Como já comentamos acima, os discípulos seguem até Emaús conversando sobre os últimos acontecimentos. Jesus se aproxima e começa a caminhar com eles. Nada fala, apenas caminha, fazendo companhia àqueles homens frustrados e sem esperança.

Caminhar é um dos métodos pedagógicos utilizados por Jesus. Ele sempre caminhou. Caminhando ensinava, curava, fazia companhia aos que se sentiam sós, enfim, pregava o Reino de Deus. Seu caminhar emocionava e causava motivação, levando multidões a segui-lo.

O caminhar ao lado do aluno é uma das formas de dizer: “se precisar de mim, estou aqui!”. Nenhum método de ensino prospera, nenhum trabalho educativo alcança êxito, se a presença física não estiver em ação. A presença física produz segurança, estabilidade emocional, esperança e reconstrução. Em outras palavras, nossa educação acontece no caminho!

##### **4.2 Pedagogia do Silêncio (15,16)**

Os versículos narram um Jesus se aproximando e caminhando, porém, tudo isso em silêncio. Seu método parte do princípio de que é necessário escutar antes de falar. Nada de opinião precipitada. Muito pelo contrário, Jesus entende que as pessoas precisam falar, desabafar, colocar para fora suas ansiedades e frustrações. Por isso decide se aproximar e em silêncio escutar a conversa, sem forçar uma amizade.

O silêncio deve ser um exercício diário. Vivemos em mundo agitado por tantos tipos sons que quase não temos tempo para exercitarmos corretamente nossos ouvidos. Assim sendo, encontramos dificuldades em escutar as necessidades do outro e em muitos casos, os ensinamentos de Deus. O próprio salmista chega a exclamar: “Escutarei o que Deus, o Senhor, disser, pois falará de paz ao seu povo e aos seus santos...” (Salmos 85:8).

Jesus nos ensina a ensinar através do silêncio. Nossa educação se faz no caminho e em muitos casos em silêncio!

### **4.3 Pedagogia do diálogo e da pergunta (17-19)**

Aqui o Mestre quebra o silêncio. Já havia tomado conhecimento da situação. Ouviu um pouco da conversa e decidiu dialogar. Esse diálogo é iniciado em forma de pergunta: “*Que é isto que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?*” A pergunta seria respondida sem maiores problemas se não fosse o estado de ânimo dos discípulos. Vale a pena observar a resposta de Cléopas: “*És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?*”

A resposta recebida em forma de pergunta poderia ter posto fim ao diálogo iniciado por Jesus. Como reagiríamos se recebêssemos uma resposta assim? Entretanto, o Mestre está disposto a conversar e simplesmente diz: “*Quais?*” pergunta suficiente para desencadear um grande diálogo.

É preciso reconhecer que não se faz educação sem diálogo e sem perguntas. Contudo, vale a pena refletir sobre qual o conteúdo dos nossos diálogos, bem como quais perguntas estamos endereçando aos nossos alunos e alunas. Há perguntas e perguntas! Muitas delas podem bloquear um diálogo definitivamente e os nossos objetivos de educação podem fracassar.

Nossa educação se faz no caminho e em silêncio, mas também através do diálogo e da pergunta!

### **4.4 Pedagogia da Memória (19-24)**

Com a simples pergunta “*Quais?*” O Mestre provocou uma verdadeira revolução mental em seus discípulos. Eles precisavam falar e nada melhor que uma pergunta estratégica para que isso acontecesse. Jesus os leva a recordar e contar a história. Falam dos acontecimentos dos últimos dias com todos os detalhes, mostrando ao Mestre toda a frustração do grupo devido ao fracasso do projeto.

Uma das grandes armas pedagógicas que temos em nossas mãos é a história. Um povo sem memória é um povo sem história! Os judeus preservaram a cultura porque preservaram a



história passando-a de geração em geração. Ensinar é fazer com que nossos alunos e alunas contem suas histórias de vida, sejam elas boas ou ruins. Alguém já disse que construímos nossa história através daquilo que falamos, ou seja, nossa fala faz história através das lembranças da nossa memória.

Com isso, podemos perceber a importância de conhecer a história da salvação e da Igreja de Cristo, como forma viva de darmos razão da nossa fé, diante das tragédias do mundo moderno (I Pedro 3:15).

Nossa educação se faz no caminho e em silêncio, mas também através do diálogo e da pergunta, baseados em uma memória que traz esperança!

#### **4.5 Pedagogia do Risco (25-2)**

Durante algum tempo Jesus escuta a narrativa dos dois discípulos e a recordação dos fatos que geraram aquele momento. Porém, o Mestre continua insatisfeito. A memória dos discípulos não passava de um final de semana. Eram mentes repletas de tragédias e desesperanças.

Na continuidade do diálogo o Mestre coloca em risco toda a sua estratégia pedagógica. Usa palavras duras quando ao dirigir-se aos discípulos os chama de *“néscios e tardos de coração”*. Em outras palavras, Ele estava dizendo que eles haviam esquecido uma grande e importante parte da história. Apenas um final de semana os fizera esquecer de toda a história da salvação. Por isso era preciso falar de Moisés, dos profetas e toda escritura. O Mestre corre o risco de perder seus alunos, porém o faz com convicção.

É impossível deixar de pensar na importância de correr riscos em nosso trabalho educativo. Os riscos contribuem para o crescimento, quando estes são feitos sob a orientação divina.

Nossa educação se faz no caminho e em silêncio, mas também através do diálogo e da pergunta, baseados em uma memória que traz esperança, onde os riscos da vida estão sob a mão de Deus!

#### **4.6 Pedagogia da Comunhão (28-31<sup>a</sup>)**

O resultado do risco corrido por Jesus é relatado por Lucas de uma forma muito particular. Depois de um longo tempo de conversa e de caminhada, chega à hora de se despedir. De repente o estranho se faz amigo na caminhada e torna-se hóspede. A expressão *“Fica conosco, porque é tarde e o dia já declina”* demonstra que o estado de ânimo daqueles discípulos estava em total processo de transformação.

O símbolo maior de transformação acontece na hora do partir do pão. O Mestre é reconhecido através do ato da comunhão. Somente um ensino tão eficaz poderia terminar na Mesa da Comunhão.

Vale a pena lembrar que não existe ensino completo se o mesmo não produzir comunhão. Todo o nosso trabalho educativo será em vão, se no tempo de Deus, não sentarmos à mesa com os nossos irmãos e irmãs - alunos e alunas e partilharmos do mesmo pão.

Nossa educação se faz no caminho e em silêncio, mas também através do diálogo e da pergunta, baseados em uma memória que traz esperança, onde os riscos enfrentados nos levam à comunhão!

#### **4.7 Pedagogia da Ausência (31b, 32)**

No melhor da festa, Jesus desaparece. Dá-nos a impressão de um verdadeiro paradoxo. No momento em que é reconhecido Ele se ausenta. Na realidade, o Mestre sabia que sua missão naquela caminhada havia terminado. Podia se ausentar, pois os discípulos já haviam se encontrado com a alegria de viver, alegria esta perdida durante aquele final de semana.

Em nosso trabalho educativo vivemos a fazer discípulos. Evangelizamos, ensinamos, acompanhamos, nos preocupamos com os nossos semelhantes, porém a pergunta que fica é esta: *Qual será o momento ideal para nos ausentarmos e deixarmos nossos alunos e alunas caminharem sozinhos?* Carecemos responder a esta pergunta, pois senão, em muitos casos, poderemos prejudicar o desenvolvimento e crescimento espiritual daqueles que estão tomando a decisão de entrar no Reino de Deus.

Nossa educação se faz no caminho e em silêncio, mas também através do diálogo e da pergunta, baseados em uma memória que traz esperança, onde os riscos enfrentados nos levam à comunhão, pois aprendemos a caminhar com o Mestre, mesmo em meio à ausência física daqueles que aprendemos a amar.

#### **4.8 Pedagogia do Compromisso (33-35)**

Após a ausência de Jesus, o cansaço não era mais problema para aqueles discípulos. Mesmo depois de uma longa jornada, decidiram voltar até Jerusalém. Precisavam contar aos demais o que havia acontecido e como reconheceram a Cristo durante o partir do pão.

Aqui encontramos o resultado de todos os métodos utilizados por Jesus. Em outras palavras, nenhum ensino é frutífero se o mesmo não levar a um sério compromisso com os princípios vivos do Reino de Deus. Os discípulos entenderam e aceitaram o chamado. Cabe a nós uma séria reflexão a respeito dos métodos didáticos e pedagógicos utilizados em nossas escolas e igrejas e mui especialmente em nossa vida particular. Nosso trabalho educativo é avaliado pelos resultados efetivos produzidos na vida de homens e mulheres do nosso tempo. Somos chamados à restauração da dignidade humana e devemos fazê-lo sob a orientação pedagógica de Jesus.

Nossa educação se faz no caminho e em silêncio, mas também através do diálogo e da pergunta, baseados em uma memória que traz esperança, onde os riscos enfrentados nos levam à Mesa da comunhão, pois aprendemos a caminhar com o Mestre, mesmo em meio à ausência física dos nossos alunos e alunas, pois acima de tudo temos consciência do nosso compromisso com o Reino de Deus.

## **CONCLUSÃO**

Iniciamos este trabalho perguntando sobre o que temos em comum com os garotos que estão nas ruas das nossas cidades. Dissemos que há muita semelhança. Refletimos sobre a realidade humana e o desejo de Deus, através de Cristo para com toda a sociedade. Precisamos concluir esta reflexão convictos da nossa missão.

Não é possível que diante de tanta miséria e violência continuemos inertes, sem nenhuma reação. Nosso evangelho precisa ser o mesmo daquele pregado e vivido por Cristo há dois mil anos. Nossa prática religiosa deve nos aproximar um do outro e ambos de Deus. Quando assim sentimos e agimos, percebemos a miséria humana que está ao nosso lado e descobrimos o quanto somos privilegiados por termos em nossas mesas, todas as manhãs, o pão nosso de cada dia.

Quando deixamos de cumprir a ordem de Jesus, estamos colaborando para o aumento assustador de novos cidadãos de papel em nossa sociedade.

Que o Mestre dos mestres nos ensine a ensinar!

Silas de Oliveira  
Presidente do Seminário Teológico  
“Rev. Antonio de Godoy Sobrinho”  
[silasdeoliveira@sercomtel.com.br](mailto:silasdeoliveira@sercomtel.com.br)

## **PISTAS DIDÁTICOS/PEDAGÓGICAS E PASTORAIS PARA A PRÁXIS EDUCATIVA**

### **Desafios da Educação Cristã**

Uma cuidadosa observação do momento histórico que atravessamos leva-nos à percepção do quanto o ser humano é inconstante e inquieto em relação ao novo. Não há paradigmas definidos. O importante é viver intensamente o presente como algo único, sem nenhuma preocupação com o futuro. Tudo é descartável. Claro que não estamos dizendo que isso acontece com todos, mas com certeza a grande maioria tem inúmeras dificuldades de trabalhar com projetos para o dia seguinte.

Esta é a marca da sociedade moderna. Tudo deve acontecer de maneira rápida e de preferência, fora do tempo. A impressão que temos é que há um desejo enorme de destruir o tempo - se possível chegar antes que ele. Afinal de contas, o tempo se apresenta como algo descartável. Ele é usado a partir das necessidades imediatas e de preferência sem compromisso. Talvez possamos chamar o tempo de um "ficar"<sup>1</sup> adolescente tão comum nos dias de hoje.

A humanidade manifesta uma vontade imensa e intensa em romper fronteiras na busca do desconhecido. Isso não significa que seja ruim ou problemático, pode até ser, mas falamos da construção de uma sociedade sem memória, conseqüentemente, sem história. Sem memória não é possível escrever a história. A própria construção da história passa pela seriedade do processo pedagógico, ou seja, somos construtores de uma história onde as novas gerações lerão nossos atos e comportamentos ao longo da vida. Nossa linguagem nada mais é que nosso pensamento verbalizado e transformado em história àqueles que dependem de nós para projetar o futuro.

Quando observamos a rotina de vida dos nossos educandos, ficamos a pensar sobre as mais diversas formas de educar presente na sociedade moderna. Presenciamos uma dificuldade enorme por parte de pais e educadores em organizar projetos sólidos, diante das mais diversas crises escolares e religiosas.

Há uma luta desigual entre os valores pregados pela sociedade e os valores reais de qualidade de vida que dificultam o trabalho daqueles que se preocupam com a formação didático-pedagógica. O avanço tecnológico do século passado, bem como as perspectivas do novo tempo, leva-nos às mais diversas preocupações. Quem trabalha com educação e deseja realizá-la com esmero carece de uma dose de fé e esperança para tão importante realização. Além disso, cabe a todos, seriedade na construção de seus projetos sem a qual não avançará.

Nas páginas seguintes desejamos levantar algumas questões, que poderão nos ajudar a refletir sobre os mais diversos problemas didáticos e pedagógicos existentes em nossos dias. Além disso, queremos pontuar algumas pistas que servirão como horizontes ao nosso trabalho educativo, que na realidade são nossos desafios à Educação Cristã.

---

<sup>1</sup> O termo "ficar" foi criado pela faixa etária adolescente como ato de permanecer com o outro por um dia ou fim de semana sem maiores compromissos e responsabilidades. Na linguagem adolescente há uma diferença entre o termo "ficar" e "estar". Enquanto o primeiro denota algo rápido e imediato, o segundo indica uma permanência um pouco maior entre dois juvenis, que pode durar uma semana, quinze dias etc. Vale lembrar que atualmente este termo estendeu-se também aos relacionamentos da vida adulta.

## 1. EDUCAR PARA O REINO DE DEUS

Todo o processo educativo surgido a partir do Novo Testamento e em toda a história da Igreja visa a promoção humana a partir dos princípios do Reino de Deus. Em todo o processo didático-pedagógico são enormes as dificuldades de se entender a idéia de Reino como algo presente e desafiador - objetivo maior de todo o processo de ensino. Infelizmente, o Reino é visto como algo distante e tão somente escatológico. Nada, além disso, visto que as grandes mensagens sobre fim, sempre ganharam espaços e maiores repercussões, diante do compromisso com o ser humano.

Ensinar ou pregar o Reino somente no sentido escatológico é dizer ao ser humano que ele precisa se preparar adequadamente e exclusivamente para o futuro. O presente não é tão importante, visto já estar mergulhado em meio às desgraças do mundo. O bom deve estar por vir e, para isso deve-se preparar.

Ao estudar o assunto Reino de Deus, percebe-se que o ato de ensinar é muito maior que simplesmente um anúncio de escatologia. O conceito teológico de Reino de Deus está seguramente voltado à discussão da formação do ser humano como um todo sem nenhum processo de dicotomia espírito e corpo. A idéia é tratar o homem e a mulher como criação de Deus a serviço do Reino.

Groome, discutindo a educação para o Reino inicia o seu trabalho fazendo a seguinte pergunta: “*Por que ser cristão?*”<sup>2</sup> Afirma que hoje vivemos a seguinte proposta cristã: salvação da alma, o ensino da Bíblia e finalmente melhorar a qualidade de vida dos membros das mais diversas comunidades através das suas formas próprias de expressar a fé. A idéia de Reino de Deus para Groome vai além, enfatizando que:

*Então, pois, a visão de Deus para toda a criação é que ela se aperfeiçoará sob o Reino de Deus, o qual deve ser um Reino de paz e justiça, de plenitude e interesse, de felicidade e liberdade. Esse Reino vem e deve vir como uma dádiva pelo imenso poder de Deus. É Deus quem o põe em ação. É Deus quem salva.*<sup>3</sup>

Sendo o próprio Deus quem coloca o Reino em ação, então temos a noção de Reino como atividade concreta de Deus na história humana. É Ele quem age e faz com que as coisas aconteçam sob a sua determinação, apesar de todas as tragédias humanas. Através de pessoas, Deus mesmo vai construindo seu Reino, que segundo o próprio Cristo “está dentro de vós” (Lc 17.21). Se estamos em processo de construção é preciso perceber que há três grandes momentos desse Reino. Em primeiro lugar, o Reino que já veio na pessoa de Jesus Cristo, tão aguardado por todo o povo de Israel; em segundo lugar, o Reino que está entre nós, percebido através dos grandes atos salvíficos de Deus na história - é o Reino em movimento, e esse movimento sempre visa o homem e a mulher em todo o tempo; e, em terceiro lugar, aí sim, o Reino escatológico, onde toda a humanidade experimentará definitivamente as propostas do Reino.

Essas propostas visam ensinar a possibilidade de reconstruir a partir do caos. Toda a dimensão social e infra-histórica do Reino vai além de um simples projeto pedagógico. Fazer

<sup>2</sup> GROOME, Thomas. H., *Educação Religiosa Cristã / Compartilhando nosso Caso e Visão*, São Paulo, Paulinas, 1985, p. 63

<sup>3</sup> Ibid, p. 69

pedagogia a partir do Reino de Deus é entender que sua dimensão ultrapassa os limites acadêmicos e atinge as situações mais caóticas da vida humana.<sup>4</sup> Toda idéia ou definição humanas será limitada frente à atuação do Reino comandado pelo próprio Deus, que tem como intenção dar ao ser humano um novo modo de vida. Esse comando dá-se através do seu Espírito que atua no mundo de forma concreta e real. Mesmo sem o ser humano perceber, sua atuação é constante e proporciona à humanidade a possibilidade de vida, apesar das grandes crises existentes. Comblin, escrevendo sobre essa atuação eficaz do Espírito de Deus no mundo e consequentemente na construção do seu Reino, enfatiza a idéia da atuação do Espírito sem o qual a humanidade já havia toda desaparecida<sup>5</sup>.

Nesta mesma linha de pensamento Schipanni desenvolve a tese de que o Reino de Deus deve apresentar à sociedade uma educação cristã efetivamente criativa e transformadora. Para ele, as implicações formais do Reino de Deus passam pela tese de Reino “*como símbolo da ação libertadora e recriadora de Deus, sua vontade e promessa, tal como percebemos nas Escrituras e, principalmente, à luz do ministério de Jesus.*”<sup>6</sup>

A figura de Jesus Cristo é fundamental em todo esse processo. Seu ministério foi fundamentado na firme convicção de implantar no coração humano os princípios do Reino. Se o Reino de Deus está dentro de nós, consequentemente Deus viu no ser humano algo de bom, por isso é possível estabelecer uma nova ordem, apesar de toda a crise humana. A crise como possibilidade, oferece à humanidade a oportunidade de entender não somente a figura, mas principalmente os resultados visíveis do Reino em cada um individualmente. Ao homem e à mulher são oferecidos uma nova identidade e sentido de povo, pois da crise surge a experiência da conversão. Schipanni, escrevendo sobre a pregação de Jesus, afirma:

*Jesus não começou pregando sobre si mesmo ou sobre a Igreja, senão sobre o Reino de Deus. O centro e objeto de sua mensagem são neste símbolo bíblico, desejo e aspiração de Israel. Jesus promete que não será um sonho ou uma expectativa utópica, mas sim uma realidade representada por Deus.*<sup>7</sup>

Reino, como manifestação e atuação significam libertação total, conseguida única e exclusivamente pela graça de Deus. Portanto, não se pode regionalizar o Reino, identificando-o somente com a Igreja, no sentido instituição, e muito menos com um sistema social. O Reino é símbolo da liberdade e da aproximação entre os seres humanos; é o relacionar-se com o outro promovendo uma total reconciliação universal.<sup>8</sup> Toda a política do Reino envolve libertação que promove o *Shalom*.<sup>9</sup> Para que isto aconteça é preciso que o discípulo aprenda que fé e obediência são inseparáveis. O trabalho do Reino exige obediência e esta será vivida pela fé. Mesmo com um Deus invisível, pela fé o Reino vai sendo anunciado e seus sinais percebidos na sociedade.

---

<sup>4</sup> Ibid p 65. Groome defende a idéia de ensinar para o Reino a partir das suas grandes finalidades, pois isso muito ajudaria a se precaver contra um tipo de educação privatizado de Cristandade, que só se preocupa em premiar o céu.

<sup>5</sup> COMBLIN, J. *O Tempo da Ação / Ensaio sobre o Espírito e a História*, Vozes, Petrópolis, 1982, p.45-76. No capítulo primeiro o autor analisa com profundidade a tese da ação do Espírito Santo na história da humanidade e na construção do Reino de Deus, mesmo diante das constantes tragédias pelas quais a humanidade passa diariamente.

<sup>6</sup> SCHIPANNI, D.S., *El Reino de Dios & Ministerio educativo de la Iglesia / Fundamentos & Principios de educación cristiana*, Ateneo, Buenos Aires, 1984, p.80.

<sup>7</sup> Ibid p.83

<sup>8</sup> Idem

<sup>9</sup> É importante lembrar que paz no sentido bíblico é muito mais que ausência de guerra. *Shalom* envolve saúde física e espiritual, prosperidade material e familiar, como também o crescimento nos demais setores da vida.

No sentido prático da proposta que decidimos trabalhar, o Reino é o grande desafio da educação cristã. Os educandos estão inseridos nos mais diversos meios sociais, que resultam, em muitos casos, em atitudes contrárias aos princípios do Reino de Deus. Nosso desafio está em apresentar um Reino ao revés, ou seja, contrário a tudo aquilo que a sociedade anuncia e defende como sendo sinônimo de morte e destruição física e espiritual. Durante o Sermão do Monte, em vários momentos o Mestre fez uso da lei para ensinar às multidões, porém, com um pequeno acréscimo: “*Eu, porém, vos digo*” (Mt 5). Esta colocação destruía toda a intenção farisaica de cumprir a lei simplesmente pelo fato de cumprir. O Mestre queria desafiá-los à percepção que antes da lei estava a graça advinda da pregação sobre o Reino de Deus.

A graça de Deus, advinda através de Cristo, proporciona ao ser humano a possibilidade de reconciliação e restauração. Ao homem e à mulher são oferecidas possibilidades de retorno aos verdadeiros valores do Reino. Entretanto, faz-se necessário entender que a graça de Deus é dada ao ser humano a partir de um sacrifício, portanto, não é uma graça barata, mas preciosa. Aos que a recebem, são levados à consciência de um Reino que não somente oferece paz e justiça, como também desafia a uma atividade missionária em favor do próximo. Assim, Bonhoeffer descreveu sua interpretação da graça de Deus:

*A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina de uma congregação, é a Ceia do Senhor sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem a cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado. A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, por amor do qual o homem sai e vende com alegria tudo quanto tem; a pérola preciosa, para adquirir a qual o comerciante se desfaz de todos os seus bens; o governo régio de Cristo, por amor do qual o homem arranca o olho que o escandaliza; o chamado de Jesus Cristo, ao ouvir do qual o discípulo larga as suas redes e o segue.<sup>10</sup>*

Ao proporcionar aos seus seguidores essa graça, o Mestre deseja vê-los criativamente implantando sementes do Reino, na esperança do novo.<sup>11</sup> Essa criatividade carece de um discernimento crítico, onde a presença do Reino é medida pela qualidade de vida, através da justiça e da solidariedade.

Educar para o Reino é caminhar com a vocação proposta por Cristo frente às crises da humanidade. O educador tem a responsabilidade ímpar de, em cumprimento à missão, educar o educando, proporcionando-lhe alegria de viver. Educação que não produz esperança de viver não é educação. Esse Reino, como dom de Deus, manifestado em Cristo, passa a ser fonte de inspiração em todos os projetos didático-pedagógicos, conseqüentemente de uma educação voltada à restauração da dignidade humana.

## **2. EDUCAR PARA A RESTAURAÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA**

Educar é um ministério complexo, exigente e de longa duração. Toda formação passa necessariamente pelas diversas faixas-etárias do desenvolvimento humano, respeitando a formação física, psicológica, cultural e espiritual das pessoas. Portanto, falar, discutir, interrogar e elaborar projetos educacionais são coisas de alguns utópicos diante de uma sociedade que em

<sup>10</sup> BONHOEFFER, D. , *Discipulado*, Sinodal, 2ª ed. , São Leopoldo, 1984, p.10

<sup>11</sup> Criatividade é uma das mais belas capacidades do povo latino americano. Em meio a tantas guerras, tragédias, fome etc, continuamos lutando e criativamente encontrando soluções aos mais diversos problemas.

grande parte está totalmente desmotivada a tais questionamentos. É impressionante como o descaso às questões da educação tem atingido alguns setores da nossa sociedade, onde não há uma preocupação em formar o ser humano com princípios vivos de cidadania. Parece que a discussão do assunto tem se restringido às pessoas, que na visão de muitos já estão fora de moda, como se coisas de maior interesse tivessem prioridade.

Observando a real situação social e conseqüentemente pedagógica do país percebemos que, muitas vezes agimos na contramão da história. Quando pensamos na posição que devemos adotar diante do compromisso pedagógico, somos convidados a apresentar respostas visíveis que dêem razão da fé à moda do apóstolo Pedro quando escrevia aos cristãos da diáspora (I Pedro 1:1,2). Preocupado com desenvolvimento espiritual daquele grupo de irmãos, e com a dificuldade enfrentada frente à crise da sociedade em que viviam, principalmente quanto às perseguições ao cristianismo, desafiou-os a persistirem em uma vida de santidade (1:13-15), partindo do exemplo de Cristo e de seu procedimento quando presente fisicamente na terra.

A Educação Cristã a partir da sua essência tem entre os seus principais objetivos elaborar projetos que restaurem o ser humano da vida que vive longe dos valores do Reino de Deus. Algumas prioridades precisam ser respeitadas à luz do ensino cristão, como resultados práticos de todo esse processo.

A primeira refere-se à edificação do Corpo de Cristo. Analisando os diversos textos do Novo Testamento que tratam do assunto, percebemos que a educação cristã está diretamente ligada à edificação da Igreja como Corpo vivo de Cristo, e a serviço do Mestre na face da terra. Cristo convoca seus seguidores, partindo do princípio que seu povo é luz do mundo e sal da terra, e que o mesmo se edifica em um corpo bem ajustado e consolidado (Efésios 4:7-16), visto descobrir através do ensino quais são os melhores dons (I Coríntios 12).

Um segundo aspecto determinante refere-se à vivência de uma ética cristã. Apesar de falarmos a respeito de escolas e formas de ensino dos mais diversos possíveis, é preciso reconhecer que a sociedade moderna vive imersa em uma enorme crise ética. Esta se apresenta em forma de discurso, de promessas, de comportamentos, de crises familiares e sociais, enfim, sobre diversas formas que influenciam o discurso social.

Partindo do princípio de que ética e moral caminham juntas, ficamos ainda mais assustados. Com absoluta certeza é possível afirmar que já é tempo de se passar da ética do discurso e das formas clássicas de se resolver os mais diversos problemas didáticos e pedagógicos que envolvem alunos e professores, para uma ética de resultados aonde o educador, vivendo o seu papel profético e a sociedade percebendo a sua mensagem, provoque mudanças concretas no comportamento do nosso povo.<sup>12</sup>

O terceiro e último aspecto, como não poderia deixar de ser, trata de promover a restauração da dignidade humana. Vivendo em um sistema onde o ensino tem sido elemento de preocupação de poucos interessados, infelizmente muitas igrejas e escolas não têm conseguido promover, através da educação a restauração da dignidade humana e seu reencontro consigo mesmo. É só observar as inúmeras influências maléficas que penetram nas escolas, como por

---

<sup>12</sup> APEL, Karl-Otto, *Estudos de Moral Moderna, Vozes, Petrópolis, 1994, p.173*. O autor faz uma profunda análise da questão moral e ética na sociedade moderna. Enfatiza a idéia que precisamos de uma ética de resultados, pois a sociedade está cansada de discursos dos mais diversos possíveis. Se analisarmos a idéia de Apel sob o aspecto pedagógico perceberemos a enorme necessidade de projetos práticos que transformem nossa realidade educativa, diante do clamor emergente presente em nosso meio.



exemplo, as drogas, a pregação da liberdade sexual, a desvalorização da família como sendo sociedade em decadência etc.

A presença do Mestre no meio da sociedade mostrou-nos qual grande é o desafio da verdadeira educação. É preciso fugir da tentação de transmitir conhecimentos, levando o indivíduo à produção do mesmo, visando a sua restauração completa. Quando homem e mulher passam de uma vida contemplativa, sem questionamentos, para uma vida onde cada interrogação seja um desafio a ser vencido, podemos dizer que estamos promovendo uma educação que compartilha a visão do Reino e conseqüentemente estamos criando uma sociedade mais abençoada.

O caminho para se reconhecer a validade de um processo educativo está em observar seus resultados práticos. O trabalho do educador deve ser avaliado pela sua preocupação com a dignidade do outro e conseqüentemente com sua restauração. Para isso, o educador precisa se preocupar com sua atualização constante e com seu relacionamento com o educando. A relação educador-educando é fundamental para que o conhecimento mútuo gere não somente confiança, mas aprendizado prático através das mudanças de atitudes por parte de quem está sendo ensinado. O relacionamento afetivo é fundamental à moda de Cristo, diante de tanta insensibilidade social.

Ao reconhecer que através da educação cristã tem-se uma enorme oportunidade de produzir vida em meio à morte, o educador vai descobrindo que o Reino de Deus é maior que a própria instituição a qual pertence, onde o mundo do imprevisto é abandonado e a elaboração de projetos é colocada em prática. Ele age em esperança, convicto da possibilidade de obter resultados diante da semente plantada.

Nenhum processo pedagógico será executado com êxito se não estiver engravidado de esperança. Somente a esperança pode impulsionar a humanidade à libertação. Precisamos sonhar, pois sem sonho não conseguiremos esperar ou trabalhar em busca de resultados e dias melhores. Sonhando o ser humano imagina sua libertação e por ela vai à luta.

Ao educador cabe a responsabilidade de incentivar o abandono do mundo do imprevisto e começar a descobrir que aquele que ensina, necessita fazê-lo, com extrema dedicação (Romanos 12:7b). O dedicar, em muitos casos, exige sacrifício para que os resultados sejam alcançados. É preciso buscar a libertação que venha baseada em uma prática compartilhada, refletida a partir das grandes necessidades humanas. Educar para o Reino de Deus e para a Missão da Igreja é restaurar a dignidade daquele que não conhece os valores desse Reino. Valores que estão expressos na restauração proposta pelo Mestre, que buscou inspiração em Isaías, quando apresentou sua plataforma de trabalho (Lucas 4:18,19).

O trabalho do pedagogo é proporcionar ao educando consciência de partilha e práxis conjunta, sem as quais não atingirá seus objetivos. Seu conteúdo programático deve conter a preocupação de levar o educando a produzir novos conhecimentos quando em contato com o seu dia a dia. Deve levá-lo a sentir que os problemas da humanidade são os seus problemas e como tais devem ser encarados. Seu trabalho deve ser um ato de amor e não somente um profissionalismo tão mercantilizado em nosso tempo. Deve haver uma compreensão clara de que realiza uma pedagogia da religião como parte da sua vocação. Meet, preocupado com essa questão assim se expressa:

*Onde a pedagogia da religião não se esforça com toda a paixão por trazer à consciência que a parábola da partilha milagrosa, com a sua afirmação de que há mais do que o suficiente para todos (cf Mt 4.13-21), não suporta o fato de que atualmente 1.500 crianças morrem a cada hora por causa da fome e de doenças por ela causadas - são diariamente 40.000 crianças e anualmente mais de 13 milhões - ela está falsificando o Evangelho, tornando-o uma simples religião da superestrutura.<sup>13</sup>*

Todo o processo pedagógico precisa estar envolvido com este sentimento humanitário tão pregado por Meert. Sua preocupação leva-nos à reflexão a respeito dos valores humanos administrados por educadores do nosso tempo. O grande desafio está no fato de conhecendo e respeitando a faixa etária que trabalhamos, sejamos capazes de oferecer a possibilidade de uma formação saudável e que construa uma sociedade sadia. Coisas para utópicos! Coisas para quem faz pedagogia com o coração!

### **3. EDUCAR PARA A CIDADANIA**

*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.<sup>14</sup>*

Entre tantos motivos que levaram Paulo Freire a se tornar um dos maiores nomes da educação, está o fato de que suas idéias ousadas sempre incomodaram a educação tradicional ou “bancária”<sup>15</sup>, como era por ele chamada. Partia do princípio que o ato de aprender é consequência de duas ou mais pessoas se auto-ensinando. Não abria mão da tese de que o educador aprende com o aluno e vice-versa. Ambos ajudam a construir a educação. Não é possível existir uma educação unilateral, tipo o educador fala e o educando escuta. A troca de experiências e as necessidades do dia a dia são instrumentos pedagógicos para se promover a formação do próprio educador.

O processo constante de auto-análise - auto-educação torna-se uma grande oportunidade de reciclagem. Porém, há aqui um enorme desafio, seja no campo secular ou religioso; o de encontrar profissionais competentes para o trabalho pedagógico. Nas igrejas, em sua grande maioria, contamos com inúmeros voluntários que semanalmente buscam passar aos educandos alguma formação (ou informação) religiosa.

Encontramos, também, um total despreparo, principalmente por não se conhecer e às vezes não se respeitar as mais diversas transformações ocorridas nas faixas etárias. Conhecer a idade é o primeiro passo para se conhecer o próprio aluno com quem se propõe a trabalhar.

A formação adequada daqueles que desejam trabalhar com educação é algo indispensável. Não é possível, até por uma questão ética, aventurar-se à prática de qualquer atividade sem o devido preparo. Na realidade, para um trabalho seguro e frutífero, somente boa vontade não basta. Formação e atualização somadas à competência são indispensáveis.

---

<sup>13</sup> MEET, N. *Pedagogia da Religião*, Vozes, Petrópolis, 1999, p.260

<sup>14</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987, p.68

<sup>15</sup> Freire usa a idéia de educação bancária para se referir aos aspectos tradicionais da educação que não fugiam as sempre e incontestáveis regras escolares, principalmente as que determinaram o período do regime militar, contra o qual ele sempre protestou. Para ele, era necessário que a educação saísse do sistema tradicional e se infiltrasse no sistema social, ensinando a partir da realidade da vida.

Muitos acreditam que o processo de educação é algo fácil e imediato. Pelo contrário, educação é algo que acontece no tempo, graças ao esforço de pessoas competentes. Pedro Demo, escrevendo sobre os *Desafios da Educação*, logo no início do seu livro faz uma afirmação enfática e desafiadora, dizendo que a “...pedagogia ainda não saiu da sacristia e está mais para moral e cívica do que para instrumentação técnica e cívica”.<sup>16</sup>

Ao observarmos a formação de uma grande maioria dos educadores modernos, somos levados a concordar com Demo. Vive-se uma pedagogia da sacristia, diante de inúmeros educadores que nada conhecem quanto à faixa etária que trabalham. Em muitos momentos o ensino passa por profundas lições de moralismo, às vezes distantes das reais necessidades expostas. São enormes as dificuldades enfrentadas por educadores ao tratar da questão da moral e seu relacionamento com religião. Apelar para um tratamento moralista na sala de aula é a saída mais prática para aqueles que têm dificuldade em articular argumentos sólidos de ensino.

Encarar a educação como desafio é encarar a necessidade de investir na formação de profissionais competentes que ofereçam aos nossos educandos uma educação balanceada e consistente. Citamos, como exemplo, a formação pedagógica dos nossos adolescentes. O educador tem em suas mãos uma jóia a ser lapidada, que deve ser feito com carinho e respeito, pois são vidas em total transformação. As indagações nesta faixa etária são intensas e inúmeras. É nesse período que podem surgir grandes crises familiares, prejudicando o diálogo, onde educador tem a responsabilidade de proporcionar uma orientação sadia e esperançosa.

Crises como de vocação, dúvidas quanto ao seu próprio corpo, sexualidade etc, não podem passar despercebidas. Quando mal esclarecidas voltarão à tona na idade adulta com maior intensidade. Muitas crises de relacionamento entre pais e filhos poderiam ser evitadas, se os pais tivessem tido uma adolescência considerada normal. Em muitos casos, os pais refletem nos filhos suas frustrações e esperanças.<sup>17</sup> Tiago Manuel declara que

*...os pais influenciam os filhos por temerem o que o mundo dos adultos possa fazer aos jovens sem experiência. Em função disso, fazem valer a sua autoridade sobre os filhos, o que às vezes leva à rebeldia dos adolescentes contra seus pais.*<sup>18</sup>

Outro fator importante é quanto ao estado emocional do educador. Muitos vão para a sala de aula debaixo de profundas crises emocionais, sejam elas em nível familiar, profissional, financeiro etc. o que prejudica acentuadamente sua capacidade de ensino. Voli escrevendo sobre a auto estima do educador enfatiza que

*O professor, desde a educação infantil até a universitária, representa um dos elementos chaves na formação e no desenvolvimento das novas gerações - mais abertas, livres, seguras, competentes, capazes, e, sobretudo, mais felizes e*

---

<sup>16</sup> Demo, Pedro - *Desafios Modernos da Educação*, Vozes, Petrópolis, 1995, p. 14

<sup>17</sup> Um exemplo, quanto a isso, pode ser visto na possível competição existente entre pais e filhos. A filha no auge de seus 15 anos trata cuidadosamente do seu visual, enquanto a mãe no auge de seus 40 anos já não é mais aquela garota de outros tempos; ou o pai que procura desesperadamente manter a forma e o “status”, porque o filho está no auge de seu porte físico e em pleno desenvolvimento profissional, enquanto o pai pode ser um frustrado profissionalmente.

<sup>18</sup> Manuel, Tiago - *Adolescência e Fé*, in *Questões Pastorais Contemporâneas - Cadernos de Pós-Graduação*, Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 1992, p.15.

*efetivas em suas vivências e em seus resultados. Sua influência não se limita tão somente à preparação acadêmica, senão que intervém de forma direta e determinante na formação do caráter e da personalidade da criança e, por conseguinte, do futuro adulto. (...) A personalidade do professor se projeta na criança e intervém em sua formação para a vida.*<sup>19</sup>

É preciso considerar que o educando observa, em detalhes, a capacidade do líder. Espelha sua realidade de vida e em muitos casos procura imitá-lo. Em um mundo onde existe profunda crise de valores, a busca do mito fica evidente entre os jovens e adolescentes. É preciso espelhar em alguém, transferindo para esse seus anseios, decepções e conquistas. O líder mal preparado e com estado emocional profundamente abalado, poderá correr o risco de ser um péssimo exemplo aos juvenis.

Outro aspecto fundamental é quanto à formação religiosa. Trabalhamos com faixas etárias que vivem períodos de profundos questionamentos religiosos. Muitos já não vêm Deus como antigamente, onde certos estudos bíblicos eram vistos como última palavra e esta totalmente inquestionável. Pelo contrário, a Igreja é questionada, o educador é questionado, a religiosidade é questionada, a vida familiar é questionada, enfim, Deus é questionado.

O líder não pode se dar ao luxo de achar que o educando não está preparado para discutir determinados assuntos. É claro que cada assunto deve ser tratado no momento e oportunidade próprios, mas o líder precisa conhecer aquilo que ensina. O educador corre o risco de passar por um profundo questionamento e se ver em grande embaraço, devido não se preparar adequadamente. Falar sobre Deus sem conhecê-lo ou atrever-se a ensinar história bíblica sem um profundo conhecimento é pura improvisação.

O preparo religioso do educador é indispensável para que o educando aprenda e desenvolva coerentemente a sua religiosidade. Não estou aqui falando um processo proselitista, mas sim de uma consciência religiosa equilibrada que lhe garanta estabilidade emocional.

A religiosidade humana apresenta-se de tal forma mutilada que cabe ao educador cristão buscar formas coerentes que preparem seus alunos para os valores que dignificam a vida humana. É preciso um ensino que mostre caminhos alternativos, dando-lhes segurança adequada e de conteúdo. Há aqui um desafio que se apresenta diante do conflito humano; conflito esse encarnado por Jesus, assumindo como servo o compromisso de ensinar através da sua vida.

O Cristo encarnado leva-nos à leitura bíblica a partir das nossas necessidades individuais e coletivas. No campo eclesial esta prática é pouco desenvolvida. Há uma enorme dificuldade em se proporcionar à comunidade de fé uma leitura pedagógica da Bíblia. Ler a Bíblia no sentido pedagógico é mostrar ao educando quão rica é a linguagem bíblica, e consequentemente seus resultados práticos no cotidiano da vida cristã. Assim agindo, é possível oferecer à pastoral subsídios para a continuidade da discussão proposta.

Finalizando, sabemos que educar é algo fascinante, devendo ser feito como ato de paixão. Algo que passe pelas veias de quem ensina e chegue ao coração de quem é ensinado. Ao educador fica a responsabilidade de saber que está formando vidas em constante transformação, devido aos mais diversos fatores políticos, sociais, econômicos, religiosos, etc. O conteúdo

---

<sup>19</sup> VOLPI, F. *La auto estima Del profesor / Manual de reflexión y acción educativa*, PCC Editorial e Distribuidora, Madrid, 1996, p.11

colocado nessas vidas determinará o futuro não somente individual, mas coletivo de toda uma nação.

O trabalho apresentado, alimentado de esperança, deseja que homens e mulheres que se propõem ao exercício da educação, o façam como ato de vocação que é alimentada pela paixão de ensinar. O cidadão do terceiro milênio merece um mundo melhor e cabe a nós, responsáveis pela educação, plantarmos a semente do bem para que brote diariamente a alegria de viver no coração do nosso povo.

Que o Mestre dos mestres nos ensine a ensinar!

Silas de Oliveira  
Presidente do Seminário Teológico  
“Rev. Antonio de Godoy Sobrinho”  
[silasdeoliveira@sercomtel.com.br](mailto:silasdeoliveira@sercomtel.com.br)

## A NECESSIDADE DE REVER A EDUCAÇÃO CRISTÃ

Estamos vivendo um momento de revisão da educação cristã, queiramos ou não. Precisamos repensar seu papel, seu alcance, seus métodos.

É claro que com essa realidade de revermos a educação cristã, vem também a necessidade de revermos o perfil daqueles que ensinaram, o desafio da construção de novos paradigmas eclesiais que podem ser revistos. Mas tudo isso é doloroso, difícil e muito moroso, demasiadamente devagar.

Luz, Câmera, Ação! No cinema, no teatro, está frase significa que os holofotes devem estar prontos para iluminar, que os aparelhos de registro devem estar prontos para filmarem, pois o movimento, a dinâmica do texto vai acontecer.

No palco da vida cristã e automaticamente da educação cristã dos nossos dias, os holofotes já estão acessos desde o momento do nosso nascimento, até a identificação com a religião cristã e seus modelos eclesiais e administrativos, e dia a dia, os nossos movimentos são registrados pela câmera da nossa história. Mas vem a pergunta: “*Como temos realizado a ação do texto?*”.

Em seu livro *O Milagre do Amor*, o jovem teólogo Eduardo Cruvinel inicia sua reflexão dizendo que: “*Houve um tempo em que a humanidade esqueceu que Deus se relaciona através do amor*”<sup>20</sup>. Tomo emprestada do autor esta frase, e peço permissão para acrescentar que além de esquecermos esta grande verdade muita bem exposta e apresentada no livro, também temos não só esquecido como deixado de praticar uma das ações do amor verdadeiro que procede do Ser Divino e que deveria estar cotidianamente na dinâmica de nossas vidas, principalmente na arte da educação cristã: **a compaixão**.

Um dos grandes problemas talvez seja o fato de não compreendermos corretamente o que significa agir com compaixão, visto que achamos que compaixão significa literalmente “dó”, que é sentir o mal alheio e não fazer nada.

Talvez não consigamos a prática desse comportamento também, por termos esquecido que Deus como maior e melhor Pedagogo, sempre agiu, age e agirá conosco fruto de seu Amor, de maneira compassiva, até porque Deus é Piedoso e Compassivo, e se não fosse, o que seria de nós? Se não fosse, como eu poderia estar escrevendo este material? Quantos exemplos e registros da Bíblia falam sobre esta verdade:

“Misericordioso e Piedoso (compassivo) é o Senhor; longânimo e grande em benignidade”.<sup>21</sup>

“Compassivo e Justo é o Senhor: o nosso Deus é Misericordioso”.<sup>22</sup>

“Rasgai os vossos corações e não os vossos vestidos e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em beneficência...”.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> CRUVINEL, E. *O Milagre do Amor*. Solução Impressa. São José do Rio Preto. 2007.

<sup>21</sup> Salmo 103:8

<sup>22</sup> Salmo 116:5

“... porque o Senhor é misericordioso e compassivo”.<sup>24</sup>

Se pelo menos lêssemos o que os dicionários dizem como, por exemplo, Ruth Rocha<sup>25</sup> e Sacconi<sup>26</sup>, visto que comumente apresentam a mesma idéia, creio que entenderíamos o significado da palavra *compaixão*; mas ainda assim não conseguiríamos aplicá-la em nosso cotidiano e em nossos métodos educacionais cristãos se não nos comprometermos com o Deus Compassivo, por consequência com nosso próximo também de maneira compassiva. Aqui reside outro problema do assunto. Nós não queremos nos envolver com o próximo. Que dirá então, sentir o mal alheio e participar do mesmo como se fosse o nosso, ou ensinar utilizando-se a *compaixão* como ponto de partida e recurso didático principal.

Jerry Bridges<sup>27</sup> em seu livro *Exercita-te na Piedade*, diz em alusão a Piedade para tudo ser proveitosa, que dentre algumas pistas dadas que caracterizem alguém piedoso, está a *Devoção em Ação*, ou seja, no contexto do livro, é atitude pessoal para com Deus, que resulta em *ações* (o grifo é meu) agradáveis a Ele. Incluindo assim, claras práticas que atinjam meu próximo. E se existe um lugar ou possibilidade de atingir meu próximo com ações claras piedosas está na educação cristã, pois nela construiremos valores, refletiremos sobre princípios, refutaremos ou não sistemas, proporemos mudanças.

Sendo assim, o grande desafio em nossos dias está repito, não em compreender apenas o sentido da palavra, mas perceber a força da ação compassiva em nossas vidas e na vida de meu próximo e aprender a ensinar não apenas de forma correta o termo, mas vivenciá-lo de uma maneira real na educação cristã.

Não tenho dúvidas da força propulsora gerada por uma ação compassiva. Não tenho dúvidas da força criativa de gente que se move por *compaixão*. Não tenho dúvidas alguma da força transformadora da *compaixão* que se observa naqueles que pela fé crêem que este estilo de vida vale a pena, portanto não tenho dúvidas que aplicando esta realidade a educação cristã, teremos pessoas melhores e sadias, e uma igreja menos legalista e cínica.

O Salto necessário e importante está em como já disse rever não apenas a metodologia da educação cristã, mas através da análise do processo de aprendizagem, perceber o resultado eficaz do aprendiz (*discípulo cristã*) na ação do mesmo que resulte em transformações em todas as suas realidades.

Precisamos aprender com nossos erros e corrigi-los. Na realidade precisamos aprender a aprender. Telma Weisz<sup>28</sup> em seu livro *O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem*, diz em um de seus capítulos que Aprender a aprender é algo possível apenas a quem já aprendeu muita coisa. Nossa história cristã é longa e nos disponibilizou muitos ensinamentos, principalmente através de nossos erros. Muitos ensinamentos que nós dogmatizamos, não trouxeram absolutamente nenhum benefício a humanidade, muito menos glorificação ao Reino de Deus, Reino este que deveria ser transmitido em sua integralidade e não dependendo do valor que cada comunidade ou

---

<sup>23</sup> Joel 2:13

<sup>24</sup> Thiago 5:12c

<sup>25</sup> “*Sofrimento que nos causa o mal alheio: piedade*”. Dicionário Ruth Rocha da Editora Scipione.

<sup>26</sup> “*Condoimento do mal alheio que nos leva a participar dele, como se fosse mesmo o nosso*”. Dicionário Sacconi de Língua Portuguesa da Atual Editora.

<sup>27</sup> BRIDGES, J. *Exercita-te na Piedade*. Editora Vida. Belo Horizonte. 1984. Pág.13-14 (Traduzido por Luiz Aparecido Caruso)

<sup>28</sup> WEISZ, Telma. *O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem*. Editora Ática. 2004. pág. 35

instituição religiosa determina no processo de aprendizagem. Porque muitas vezes nossa pedagogia é mais de exclusão, pedagogia que se modela na cartilha onde o aluno precisa memorizar e fixar informações de nossas revistas de Escola Dominical (não quero com isso deprecia-las, acredito que as mesmas contribuíram e muito para gerar avanços educacionais, apenas creio que precisam ser revistas também), mas entendo que nosso objetivo seja construir meios para que nossos alunos tenham autonomia para pensar, refletir sobre o Reino de Deus que foi ensinado por Jesus, Reino que é contrário a tudo que exclui e discrimina, Reino que respeita as diferenças, é justo, libertador.

O espaço é curto para tratarmos de um assunto tão complexo e importante, mas acredito que o tempo é este, a hora é essa, onde será necessário se levantar vozes proféticas nos chamando a repensar nossa conduta e posição educacional cristã. Não devemos, nem podemos temer mudanças, que o Senhor nos ajude a enfrentar com firmeza, clareza e sabedoria os tempos atuais, que o Senhor nos ajude a continuarmos firmados em sua Palavra, ensinando-a de forma eficaz e simples a todos os homens de boa vontade.

Gustavo de Brito  
Pastor da IPB Nova Canaã  
Professor de Teologia Sistemática



## **EDUCAR PARA A MISSÃO**

### **Redescobrimo um Ideal Reformado**

O desafio de refletir sobre o papel da educação cristã para a missão integral parece tarefa fácil. No entanto, se partimos da afirmação tão verdadeira de que a educação cristã é educação para levar todos os cristãos a um agir transformador na sociedade, devemos perguntar a razão pela qual isto não ocorre com todos e em todo tempo na vida da Igreja cristã. A resposta seria de que há uma educação em crise, pois, não tem sido capaz de impulsionar a igreja para missionar de maneira relevante em nosso mundo. Na verdade, é preciso reafirmar que o educar no contexto da igreja é educar para Reino de Deus em toda sua radicalidade.

O texto propõe analisar a educação cristã, tendo em vista, especialmente, a questão educar para os compromissos com a Missão Integral. Para tal, torna-se importante pensar sobre a finalidade da educação cristã, não somente em suas motivações. A proposta é retomar a base bíblica e as perspectivas históricas para uma educação cristã que impulse a igreja para sua participação na missão de Deus.

### **1. REINO DE DEUS - FIM ÚLTIMO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ**

A chave utilizada para interpretar a Bíblia e articular a teologia é o Reino de Deus. Trabalhando autores como Thomas H. Groome, que escreveu *Educação Religiosa Cristã* e Daniel S. Schipani, em *El Reino de Dios y el Ministerio Educativo de la Iglesia*, podemos perceber como usam esta chave e este tema. A tese de Schepani é que uma Educação Cristã “criadora e transformadora deve orientar-se segunda a imagem bíblica do Reino de Deus”. As implicações do Reino de Deus são abrangentes.

Em Marcos 4 percebe-se que um símbolo e a finalidade da obra de Deus na história são o Reino de Deus. Semelhante à parábola da semente, a próxima, do grão de mostarda, começa assim: “A que assemelharemos o reino de Deus?” Jesus proclamou o Reino de Deus como tema central de sua mensagem. Não somente proclamou, mas ele viveu a mensagem do Reino. Em Jesus o Reino de Deus se fez presente. Ele trouxe a concretização e inauguração do Reino na sua própria pessoa, e prometeu a consumação do Reino no futuro. O Reino “já” chegou, mas “ainda não” em sua plenitude. Embora a vitória final e completa já esteja assegurada pela morte e ressurreição de Jesus, a luta ainda não terminou.

Pode-se dizer que o próprio Jesus, respaldado nos profetas, visualizou o Reino de Deus como a finalidade última da criação, da história, da salvação e da Igreja. O desfecho das Sagradas Escrituras em Apocalipse 21 e 22 traz uma visão deslumbrante e gloriosa do “novo céu e nova terra”, ou seja, do Reino consumado. O Reino de Deus, tanto nas Escrituras Hebraicas, como no próprio Novo Testamento, apresenta-se como uma promessa maravilhosa de Deus.

Portanto, além de compartilhar a promessa, a visão e o anseio pelo Reino com os seus discípulos, Jesus também exigiu dos membros do Reino certos compromissos. Ao fazer discípulos Jesus transferiu-lhes seus valores, resumidos por Ele mesmo em “Amarás o Senhor teu Deus... Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37-39). Groome (1995) faz notar: “Os membros do Reino não são objetos sobre os quais age a atividade de Deus, mas sim

sujeitos chamados a responder ao Reino de Deus, vivendo em mútua participação uns com os outros. Jesus, pois, pregava o Reino como um símbolo de esperança e comando”.

Groome (1985) termina seu capítulo sobre o Reino de Deus como "metapropósito" da Educação Cristã. O Reino de Deus e o Domínio do Cristo que subiu ao Pai devem permanecer o cerne de nossa pregação e educação. Sem dúvida, pregar Cristo como Senhor e Salvador é implicitamente pregar o Reino de Deus. Mas o Reino não pode ser tratado apenas como uma mensagem implícita em nossa proclamação. Ambos os temas, Cristo como Senhor e Salvador e o Reino como o pregava Jesus, devem estar constante e intencionalmente presentes em nossa proclamação e educação. Sem os dois nossa mensagem está incompleta.

Zabatiero (1995) escreve que Jesus não pregou, principalmente, a respeito de si mesmo. O seu anúncio tinha como tema central o Reino de Deus (Marcos 1:14-15). Este autor defende que o papel da Igreja é educar para a reumanização, uma vez que uma das conseqüências básicas do pecado foi a desumanização da humanidade. Desumanizados, não cuidamos mais da natureza - que Deus nos confiou para dela vivermos e dela cuidarmos. Não cuidamos mais de nosso próximo - somos como Caim contra Abel. Não cuidamos mais de nossa relação com Deus e fomos escravizados ao pecado e a Satanás. A salvação tem por objetivo reverter essa situação de desumanização.

Através do ensino as pessoas passam a compreender a Palavra de Deus e se comprometem a praticá-la. Quando se ensinam os valores do Reino, é preciso viver de acordo com esses valores. Entramos no Reino e assumimos as responsabilidades do mesmo e suas implicações para o indivíduo, para a família e para a sociedade. Vejamos agora estas três esferas onde o Reino se manifesta.

## **2. FINALIDADE DO ENSINO NA IGREJA**

George (1993), apresenta três finalidades do ensino na igreja. A primeira é o aperfeiçoamento dos Cristãos. Quando se fala das responsabilidades do Reino, existem implicações em várias esferas. Talvez pensemos primeiramente sobre as implicações para o indivíduo. Ensinamos para que as pessoas cresçam na fé e vivam a vida cristã como súditos do Reino em obediência ao Rei. O apóstolo Paulo descreveu a finalidade de seu ministério assim: "...ensinando toda pessoa em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos toda pessoa perfeita em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível". (Colossenses 1:28-29). Paulo ensinava porque desejava ver o desenvolvimento integral de cada cristão.

No Sermão do Monte deparamos com uma descrição clara da prática do Reino na vida cotidiana. Nesta prática, ou obediência radical, o Reino se materializa entre nós aqui na terra. Na atuação vivencial do cristão, seu modelo e meta é Cristo, que viveu o que pregou no Sermão do Monte. Richards (1980) escreve que o propósito é ser como Cristo. Por esta razão a educação cristã se concentra em ajudar o crente a crescer até ser como Cristo. Ela visa ao processo de transformação de personalidade e caráter. O objetivo do ensino cristão é formar cidadãos do Reino. As qualidades que Cristo exibiu devem ser as mesmas exibidas por seus seguidores.

A segunda finalidade do ensino na igreja é a edificação de Lares Cristãos. Há implicações na resposta ao Reino de Deus no lar cristão. Há implicações para a família. Para a Igreja ser edificada e a sociedade fortalecida, para que "venha o teu Reino, assim na terra como está nos céus", é necessário que a edificação e o ensino comecem no lar. Deus instituiu o casamento e nos

colocou em famílias. O Senhor mandou que os pais ensinassem a seus filhos. A educação deve ser responsabilidade dos pais, e não pode ser transferida para a Igreja. Para se edificar a Igreja, visando à consumação do Reino, tem que haver nutrição espiritual no lar. Alguém disse: “Uma sociedade é o que são suas famílias”. Desejando-se promover os valores do Reino de Deus, há que se reconhecer que os valores comecem no lar.

A terceira finalidade da educação cristã é a transformação da Sociedade. Jesus trouxe consigo o Reino de Deus (Marcos 1:15). Jesus não apenas pregou por meio do Reino; demonstrou sua realidade temporal e histórica pelos “sinais do Reino”. O objetivo da Educação Cristã não pode ficar aquém da abrangência do ministério docente de Jesus.

Depois de enumerar os valores do Reino nas bem-aventuranças em Mateus 5.1-12, Jesus, de maneira contundente e enfática, diz aos discípulos: “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo” (5.13,14). É na sua vida material e social na terra, na sua inserção no mundo, que o cristão age manifestando os valores do Reino.

Os valores eternos do Reino devem ser confrontados pelos valores passageiros do século. Stott (1989) diz que o chamado cristão é para “viver no mundo sob a Palavra”. Como sal e luz, a Igreja deve exercer influência necessária sobre a sociedade. “Uma preocupação social genuína tanto deve abranger serviço social quanto ação social e também ação política”.

Percebe-se, portanto, que as três finalidades imediatas, o aperfeiçoamento dos cristãos, a edificação de lares cristãos e a transformação da sociedade, têm como finalidade última o Reino de Deus em Jesus Cristo. Caminhamos para uma escatologia em que o Reino de Deus se estabelecerá integralmente no aperfeiçoamento dos cristãos, na edificação de lares cristãos e na transformação da sociedade. Faz-se mister trabalhar tanto na teoria quanto na prática, a fim de que se desenvolva uma Educação Cristã que responda às demandas de nossa realidade sociocultural e atente positivamente à sua vocação fundamental, que é compartilhar, anunciar, viver o Reino de Deus.

O Reino de Deus é muito mais amplo do que imaginamos e daquilo que freqüentemente aprendemos em nossas igrejas. A Igreja hoje deverá, com urgência, dar ênfase total ao ensino e significado real do que é o evangelho do Reino de Deus. Só assim teremos igrejas fortes, edificadas, servindo e atuando no mundo com autenticidade nas áreas político-social e econômica.

Quando se faz a Educação Cristã com uma visão do Reino, ela se torna importante e urgente, e evita-se uma série de problemas. Schipani diz que não se pode “espiritualizar” ou “regionalizar” o Reino, “identificando-o com a Igreja ou com um determinado sistema social”.

Propõe-se uma Educação Cristã para o Reino de Deus, com fundamentos e finalidades bíblicas. Tal visão leva-nos a objetivar o aperfeiçoamento dos cristãos, a edificação de lares cristãos e a transformação da sociedade de acordo com os valores do Reino. Neste processo Deus serve-se da Igreja e da Bíblia, mas o fim último é seu próprio Reino.

### **3. IDEAL PROTESTANTE: EDUCAR PARA A MISSÃO**

Calvino tinha visão e paixão educacionais muito grandes e uma aguda sensibilidade sociocultural. Percebeu os reclamos da sociedade e da Igreja no seu momento histórico, inclusive

a grande necessidade de instituições e estruturas educacionais para a população em geral (ele propôs escola pública e grátis para as crianças pobres) e para a Igreja. Por isso, nos últimos anos do seu ministério, ele fundou a Academia de Genebra. O currículo continha o melhor da educação humanística, juntamente com os princípios calvinistas. Os doutores-mestres da escola eram considerados representantes da Igreja.

O discípulo de Calvino na Escócia, João Knox, reformou o ensino secular de seu país com o lema: “Uma escola em cada paróquia” e “Um mestre ao lado de cada pastor”.

Na chamada era moderna, temos o surgimento de um movimento iniciado em 1780 na cidade de Gloucester, Inglaterra, por Robert Raikes, um decidido jornalista e homem de negócios, o qual iniciou um movimento que mudaria o sistema de Educação Cristã dentro da Igreja, o que resultou na Escola Dominical.

Raikes tinha uma grande preocupação com os problemas sociais, especialmente os grandes barcos-prisões ancorados no porto de Gloucester, e os grupos de delinquentes juvenis. Certo dia, ao chegar em casa após o culto, ele reclamava dos problemas, e uma senhora o interrompeu e disse que os problemas existiam porque, “quando crianças, foram ignorantes, pobres e sem instrução”.

Raikes então perguntou por que não iam às escolas existentes, e ela lhe respondeu: “Porque eles trabalham em fábricas num regime de 12 horas por dia, durante os seis dias da semana”. Nasceu-lhe a visão de abrir uma Escola Dominical, usando a Bíblia como texto central para alfabetizar os delinquentes, e lares como salas de aula. Em pouco tempo, eles tinham 77 rapazes e 88 moças. Raikes exigiu limpeza e higiene pessoal e freqüência assídua aos cultos. Chegou a fundar doze escolas.

A Escola Dominical, que começou para educar e alfabetizar meninos de rua, cumpriu seu papel histórico quando o Parlamento da Inglaterra libertou as crianças das fábricas e tornou a educação gratuita para todos.

Hemphill (1997) escreve que o modelo britânico de Escola Dominical implantado na América era, principalmente, uma escola missionária com o propósito de oferecer educação básica aos que não podiam freqüentar as escolas públicas. As primeiras escolas dominicais americanas eram cópias virtuais dos modelos britânicos, provendo educação e muitas vezes itens básicos, tais como alimentos e roupas para as crianças necessitadas. Com o tempo, o modelo britânico desapareceu da América, surgindo em seu lugar um outro tipo de Escola Dominical, ensinada por voluntários e oferecendo um currículo evangélico especificamente protestante.

Desde sua fundação, o movimento da Escola Dominical tem exercido uma enorme influência sobre o ministério educacional de igrejas protestantes. Expandiu-se para a América e dominou o desenvolvimento da Educação Cristã nos Estados Unidos e, trazida para o Brasil pelos primeiros missionários, também floresceu e manteve as mesmas características de sua origem.

#### **4. SINAIS DO IDEAL PROTESTANTE NO BRASIL**

Escrevendo sobre a herança e contribuição da reforma, Mendonça (2000), afirma que é na educação que se verifica uma das mais significativas contribuições dos reformados no Brasil.

Partindo dos missionários educadores como Samuel Gammon, Márcia Brown e Carlota Kemper, que imprimiriam rumos novos à pedagogia brasileira, registre-se Erasmo Braga, com seus célebres livros de leitura elementar como a Série Braga, Eduardo Carlos Pereira (*Gramática Histórica e Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*) e Otoniel Mota (*O Meu Idioma*) no ensino da língua, e Antonio B. Trajano (autor do primeiro livro de Aritmética no Brasil, 1878/88). Em estudos sobre a educação, mais recentemente, destacam-se Jether P. Ramalho (*Prática Educativa e Sociedade*) e Osvaldo Hack, sobre a educação presbiteriana, o aspecto novo da obra de Rubem Alves, direcionada para o ensino universitário e a literatura infantil. Ainda, os reformados têm fornecido o maior contingente de professores protestantes para a universidade brasileira. Na Universidade de São Paulo, por exemplo, salientaram-se Lívio Teixeira, Theodoro Henrique Maurer, Isac Nicolau Salum e Jorge César Mota.

Samuel Gammon criou a Escola Agrícola do Instituto Evangélico - antigo nome do Gammon - precursora da antiga ESAL, hoje Universidade Federal de Lavras. Márcia Brown, juntamente com a professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, foi convidada pelo governo paulista a aplicar os métodos de ensino renovado e eficiente nas escolas, destinadas a campo de abstração e experimentação de novas técnicas de práticas de ensino para os estudantes normalistas e para professores que desejassem, constituindo essas escolas um centro de irradiação de ensino renovado, pois muito dos alunos dessas duas insígnies educadoras tiveram grande influência na renovação do Ensino Público Paulista e, posteriormente, noutros estados. Já Carlota Kemper era conhecida por sua versatilidade e grande cultura. Conhecia a fundo o latim, bem como o grego e o hebraico. Como passatempo, gostava de ler os clássicos latinos, resolver problemas de trigonometria e fazer cálculos. A história antiga e moderna era outra de suas especialidades. Foi considerada por muitos que a conheceu a mulher mais culta do Brasil. Quando a falta da vista começou a impedir-lhe de ensinar, passou a gastar grande parte do tempo em visitas.

O historiador presbiteriano Alderi de Souza Matos, descreve Erasmo Braga desta forma: Além do seu testemunho nas muitas entidades de que participou e de suas importantes contribuições como educador, escritor e pensador protestante, Erasmo se envolveu em iniciativas valiosas como o Seminário Unido (Rio de Janeiro), a Federação Universitária Evangélica e a Missão Evangélica Caiuá. Seu trabalho principal resultou na Confederação Evangélica do Brasil, que preservou por muitos anos o ideal da cooperação evangélica. Seus livros e outros escritos continuam relevantes, em especial *Pan-americanismo: aspecto religioso e A República do Brasil: uma análise da situação religiosa*. (in: Revista Ultimato, nº 303 - Novembro-Dezembro, 2006).

Por ser bastante conhecido, deixaremos de oferecer maiores informações do líder Eduardo Carlos Pereira. Enfatizando, apenas, seu reconhecimento por parte da Academia brasileira até os nossos dias, pela influência de suas gramáticas. Os outros citados são mais contemporâneos e ficamos apenas com os detalhes já mencionados acima.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que se pode dizer a respeito do ministério educacional na Igreja hoje? Para onde vai o ensino? Onde se encontram diretrizes? Quem é responsável pelo ministério docente da Igreja contemporânea? Qual é sua importância e sua função? Estas são questões extremamente relevantes, pois, estamos lidando com a essência mesmo do protestantismo, mais particularmente, do presbiterianismo. A educação cristã trata do conhecimento de Deus, portanto,

ela é prioridade. Tillich (2000), estudando o pensamento de Calvino, afirma que, para o reformador: “a função principal da igreja é educativa”.

Conforme Greggersen (2002), a implicação óbvia, mas, infelizmente, menos praticada entre educadores cristãos é que, se para Calvino o conhecimento de Deus é a razão de ser do homem, então todas as pessoas que se dizem cristãs reformadas deveriam espontaneamente *priorizar* a educação. Isto deveria ocorrer em todas as instâncias, a começar pela educação no lar. Não se trata de uma educação qualquer, e, sim, de uma educação *holística*, ou seja, *transformadora, vivencial, humana, coerente* com as Escrituras, *aberta* para a revelação do Espírito de Deus e *voltada para a sua glorificação*. Trata-se, portanto, de uma educação viva, que se mostra por meio de frutos concretos.

Trabalhando os escritos de Calvino e seguindo a própria formulação do líder reformado, esta mesma estudiosa, afirma que “o conhecimento de Deus, que somos convidados a cultivar, não é aquele que, descansando satisfeito com meras especulações vazias, fica agitando-se na mente, mas um conhecimento que pretende provar-se substancial e frutífero, onde quer que seja apreendido e radicado no coração”. O Senhor se manifesta por sua perfeição. Quando nós sentimos o seu poder dentro de nós, e nos conscientizamos dos seus benefícios, o conhecimento acaba imprimindo-se em nós de forma muito mais viva, do que, se nós meramente imaginamos um Deus, de cuja presença jamais nos demos conta. Portanto, para se buscar a Deus, o caminho mais direto e o método mais adequado não é de procurá-lo com uma curiosidade presunçosa, pretendendo sondar a sua essência, que deve ser antes adorada, do que minuciosamente debatida, mas de contemplá-lo em suas obras, pelas quais ele se aproxima de nós, tornando-se familiar e comunicando-se a si mesmo a nós.

Portanto, devemos afirmar e reafirmar a importância do ensino, como prioridade que objetiva levar e manter a Igreja nos trilhos da *Missio Dei*. Seguindo George (1993) mesmo que a Escola Dominical venha a falir, não se pode abandonar o ensino. O ministério educativo da Igreja faz parte da sua essência. Sem ensino a Igreja não seria a Igreja. Por meio deste ministério essencial, os membros das igrejas adquirem conhecimentos bíblicos e doutrinários, crescem na vida cristã, comprometem-se com uma ética cristã pessoal e social, e descobrem e desenvolvem seus dons e ministérios. O ministério docente fica a serviço de todos os outros ministérios da Igreja: missões, evangelização, diaconia, adoração e comunhão. Por meio do ensino, a Igreja caminha segura, com uma perspectiva de fé esclarecida que a capacita a viver num mundo plural, onde inúmeras ideologias se multiplicam dia a dia, sem se sentir ameaçada. Podendo afirmar com o apóstolo Paulo “guardei a fé”, ou a “sã doutrina”.

Naturalmente, este ensaio não esgota, e nem tínhamos tal pretensão, tudo o que envolve a questão da educação cristã no contexto da missão integral. Entretanto, de posse, mais uma vez, desta herança maravilhosa da tradição reformada, nos resta sonhar e, mais, levar para a prática de nossas vidas, famílias e igreja uma educação cristã que nos impulse enquanto indivíduos e comunidade, para amar a Deus, amando o próximo. Das entranhas da tradição reformada, vem surgindo um ideal: educar para a missão. Que sejamos dignos de portar esta semente, semeando-a na família, na igreja e na sociedade, a fim de fazer brotar nos corações os valores do Reino de Deus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GEORGE, Sherron K. *Igreja Ensianadora: Fundamentos Bíblico-Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã*. Campinas-SP, Editora Luz Para ao Caminho, 1993.
- GREGGERSEN, Gabriele. *Perspectivas para a Educação Cristã em João Calvino*. Fides Reformata, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 20-53, 2002.
- GROOME, Thomas H. *Educação Religiosa Cristã*. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Sharing Faith: a comprehensive approach to religious education and pastoral ministry: the way of shared praxis*. São Francisco, Harper, 1991.
- HEMPHILL, Ken S. *Redescobrimdo a alegria das manhãs de domingo: usando a escola dominical para fazer sua igreja crescer*. São Paulo, Elesia, 1997.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *A Herança e a Contribuição da Reforma para o Brasil*. In: “O Pensamento de João Calvino”. Série Colóquios, vol. 2, São Paulo, Editora Mackenzie, 2000.
- RICHARDS, Lawrence. *Teologia da Educação Cristã*. São Paulo, Vida Nova, 1980.
- SCHIPANI, Daniel S. *El Reino de Dios y el Ministerio Educativo de la Iglesia*. Miami, Editorial Caribe, 1983.
- STOTT, John R. W. *A mensagem do sermão do monte*. São Paulo, ABU, 1981.
- \_\_\_\_\_. *O Cristão em uma sociedade não cristã*. Rio de Janeiro, 1990.
- TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. 2 ed., São Paulo, ASTE, 2000.
- ZABATIERO, Júlio Paulo T. *Teoria Crítica e Educação: Fundamentos para um Projeto Educacional Cristão*. São Leopoldo-RS, 1995, não publicado.

Jonas Furtado do Nascimento  
Mestre em Ciências da Religião pelo Mackenzie. É  
atual Secretário de Educação Cristã e Coordenador  
Missionário da IPI do Brasil.

## PRESBITERIANISMO E DOUTRINA REFORMADA

### INTRODUÇÃO

Falar de doutrina do presbiterianismo é falar de Calvino. Aliás, não há como falar do presbiterianismo sem falar em doutrina. Presbiterianismo sem doutrina não é presbiterianismo.

A doutrina é a base de toda ramificação eclesiástica séria. Ela é como o estatuto de uma associação. É como a constituição de um país. Tillich, na sua obra (*Love, Power, Justice*) disse que não é possível uma sociedade sem lei. É o mesmo que disse Paul Ricoeur na obra *Ideologia e Instituição*, não é possível qualquer sistema institucional sem a ideologia regulamentadora. Qualquer comunidade cristã que fuja da doutrina fica relegada a um tipo de misticismo institucionalizado, ou seja, perde o foco da hermenêutica bíblico-teológica e se reduz meramente à linguagem e simbologia religiosas.

A doutrina da igreja é a base confessional daquilo que cremos. O nascimento da igreja de Cristo trás como base confessional justamente a doutrina dos Apóstolos Atos 2:42. Não existe igreja sem doutrina; se não tiver base doutrinária, não é igreja, é apenas um movimento ideológico. Desse modo, a saúde da tradição presbiteriana é sua saúde doutrinária. Contudo, a doutrina presbiteriana não deve em hipótese alguma, transformar-se num dogma, isto é, algo pronto, estabelecido e deste modo intocável. É como disse Karl Barth, a teologia confessional deve ser como maná: *deve atender ao seu tempo e contexto, até surgir algo novo e mais completo*<sup>29</sup>.

A base teológico-doutrinária do presbiterianismo tende a se tornar dogmática à medida que se esquece de aplicar o lema da tradição: *Igreja reformada, sempre se reformando*. Isto equivale dizer que devemos constantemente reler a nossa base de fé confessional a cada momento que sinalizamos a evolução do pensamento e da cultura na sociedade. Assim, manter a tradição significa manter a mesma postura que levou os reformadores a buscarem essencialmente na Palavra a base de adequação daquilo que criam. Permanecer na tradição significa guardar ilesos os princípios fundamentais da fé cristã, II Tessalonicenses 2:15.

A tradição presbiteriana deve ser guardada não como dogma; antes, devem ser guardados os ideais dos reformadores que reconduziram a igreja de Cristo ao caminho, do qual havia se desviado. É o que podemos encontrar no artigo de Barth intitulado: *Reforma é decisão*<sup>30</sup>. Nesse artigo, Barth pergunta: *Quem tem direito de se reportar a Reforma?* Para Barth, o direito é guardado aos que mantêm firme a base confessional que fundamenta os princípios da fé cristã.

---

<sup>29</sup> BARTH, Karl. *Dogmatics in Outline*. Nova Iorque, Philosophical Library, 1949, p.9, citado por Guthrie Shirley, in: *Sempre se reformando*. São Paulo, Pendão Real, 2000, p.52

<sup>30</sup> BARTH, Karl. *Dádiva e Louvor*. São Leopoldo, Sinodal, 1986, p.167



Por meio dessa afirmação de Barth, discordo do que disse Paul Freston<sup>31</sup>, quando coloca como raízes do protestantismo todas as igrejas evangélicas, inclusive as pentecostais e neopentecostais. Só são protestantes ou reformadas as igrejas que trazem como base os princípios de fé elencados pelos reformadores.

É preciso dizer que ao defendermos o Presbiterianismo, não estamos, por exemplo, fazendo defesa pura e simplesmente de uma instituição, no sentido denominacional. Antes, estamos defendendo a base confessional da nossa fé. Com exceção da doutrina da (Predestinação/eleição), todas as demais doutrinas da tradição Presbiteriana são atuais e atendem as necessidades confessionais da teologia contemporânea.

Portanto, procuro neste texto concentrar esforços para analisar o motivo da distância entre aplicação e manutenção das doutrinas do Presbiterianismo e a práxis cristã. Para esta análise, é preciso observar vários conceitos da origem do Protestantismo. Quanto ao Presbiterianismo brasileiro, apontarei alguns problemas que prejudicaram teologicamente a sua inserção no país. Por fim, comentarei sobre a relevância da doutrina Presbiteriana na sociedade brasileira.

## 1. A APLICAÇÃO LITÚRGICA DA DOCTRINA PRESBITERIANA

Há historicamente no seio presbiteriano uma indagação que incomoda a quase todos os presbiterianos: *“Por que o presbiterianismo não é popular, ou, não consegue atrair as massas? Se temos a melhor formação pastoral, um sistema de governo democrático, uma correta hermenêutica bíblica, doutrinas que fundamentam bíblica e teologicamente a nossa confissão de fé, então, “Por que não somos populares”?*

Nós presbiterianos não podemos mais aceitar passivamente essa triste realidade, principalmente, porque ainda acreditamos nos ideais da reforma protestante. Precisamos tornar vivo o ideal de que a igreja reformada deve sempre se reformar. Para isto, precisamos começar a enxergar os nossos erros e equívocos. Sugiro como primeira tarefa, observar com seriedade algumas críticas que Tillich fez em relação ao protestantismo que muito têm a ver com o presbiterianismo. Como segunda tarefa, precisamos redescobrir os elementos fenomênicos, ou, na linguagem de Calvino, o conceito de *numem*, (o misterioso, inatingível) que sustentam a linguagem e a simbologia religiosas.

Paul Ricoeur, afirmou que a experiência religiosa, não importando a sua natureza, sempre se expressa por meio da linguagem e sua manifestação é sempre simbólica<sup>32</sup>. O uso excessivo das técnicas da hermenêutica sempre foi o problema do cristianismo, especialmente o de cunho protestante. O liberalismo teológico marcou negativa e profundamente o protestantismo. E a base principal do liberalismo foi a desconstrução do elemento simbólico-fenomenológico da religião; no lugar deste foi dado espaço ao excessivo uso da razão.

Mircea Eliade, ao analisar a busca pelo *numinoso* utilizou-se do conceito do “mito do eterno retorno” para desenvolver a idéia da síndrome nostálgica do paraíso. Eliade verificou que em todas as culturas há traços dessa nostalgia do paraíso. O homem religioso é sedento pelo ser transcendente. O terror diante do “Caos” que envolve seu mundo habitado corresponde ao seu

---

<sup>31</sup> FRESTON, Paul. *In: Na força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina. Um desafio às igrejas históricas.* São Paulo, AIPRAL-Pendão Real-Ciências da Religião, 1996, Artigo: Entre o Presbiterianismo e o Declínio do Denominacionalismo: O futuro das igrejas históricas no Brasil, pp.257-272

<sup>32</sup> RICOEUR, Paul. *Figuring the Sacred.*

terror diante do nada<sup>33</sup>. Essa idéia é semelhante a de Calvino que afirmava que Deus plantou a semente da religião em todo ser humano, levando-o a aspirar pelo ser transcendente. Essa nostalgia revela uma situação natural de desejo de viver num Cosmos puro e santo, ou simplesmente diferente do habitável. Esse traço nostálgico, evidente em todas as culturas, arcaicas ou civilizadas, revela que independente de qualquer conceito ou forma ou método que usemos para entender o fenômeno religioso, o ser humano consciente ou não, busca transcender a sua mundanidade e a sua própria essência.

Dessa forma, à medida que o presbiterianismo exagera no uso das técnicas hermenêuticas, acaba eliminando justamente o elemento fenomênico que sustenta a religião; e com isso, deixa de atrair o ser religioso, pois, aquilo que era inatingível tornou-se evidente e compreensível.

Para Tillich, a racionalização do elemento simbólico marcou o início da derrocada do Protestantismo no mundo. Trata-se de uma religião altamente intelectualizada. Diz Tillich: *a toga usada pelo pastor de hoje é a mesma do professor universitário na Idade Média, mostrando o fato de que as faculdades teológicas haviam se tornado a suprema autoridade para as igrejas protestantes na qualidade de intérpretes da Bíblia*<sup>34</sup>. Para Tillich, as massas precisam de símbolos capazes de compreensão imediata sem a ajuda do intelecto. Elas necessitam de realidades objetivas e simbólicas que são por exemplo: *Bíblia, histórias sagradas, rituais sagrados e realidades simbólicas que dão sentido à existência*. Quase todos os elementos objetivos desapareceram das igrejas protestantes. O Dr. Mendonça afirmou que o motivo considerável do não desenvolvimento popular do Presbiterianismo no Brasil se deu em virtude da discreta “atração simbólica”<sup>35</sup>. Ao contrário dos Presbiterianos, os movimentos pentecostais e neopentecostais, com riquíssimas atrações simbólicas - curas, milagres, exorcismos - floresceram no país. Se considerarmos o fato de que o fenômeno religioso encontra sua riqueza na linguagem e nas expressões simbólicas, então, temos de reconhecer, os movimentos carismáticos estão muito mais aparelhados para atender a grande massa brasileira. Portanto, a resposta para referida indagação do “por que nós presbiterianos não atraímos a massa?” aponta para o nosso cuidado excessivo com o método hermenêutico; e para a nossa discreta atração simbólico-fenomenológica. Segundo Tillich, o pensamento protestante depende do absurdo crescente da vida intelectual em geral<sup>36</sup>. E esperar essa realidade no Brasil, é no mínimo, sonhar com a utopia.

Em geral, o povo presbiteriano é representado pela classe média. Aliás, nem poderia ser diferente, pois, o nosso discurso pressupõe no mínimo que o ouvinte seja alfabetizado, para poder tomar posse do nosso símbolo máximo de revelação divina que é a Bíblia.

Pierre Bourdieu, acertou brilhantemente em sua análise das classes religiosas. Para ele, as ações simbólicas exprimem sempre a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção<sup>37</sup>. Nesse sentido, nós presbiterianos ocupamos uma classe distintiva de grupos evangélicos; nós mesmos nos orgulhamos de dizer que somos diferentes dos outros demais grupos. Aliás, o povo presbiteriano é conhecido como “o povo do livro”. E esse é o símbolo forte e designativo dos presbiterianos. No que concerne ao conceito de doutrina, isso é positivo. Porém, no campo da simbologia de elementos fenomênicos, isso é demasiadamente dessacralizador.

<sup>33</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.60

<sup>34</sup> TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo, Ciências da Religião, 1992, p.244

<sup>35</sup> MENDONÇA, Antônio Gouveia. VELASQUES, Prócoro Filho. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990, pp.38-38.

<sup>36</sup> TILLICH, *idem*, p.243.

<sup>37</sup> BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2001, p.17

Para Bourdieu, as características que definem a separação de classes sociais são as seguintes: As classes inferiores se referem sobretudo ao dinheiro, as classes médias ao dinheiro e à moralidade, enquanto que as classes superiores acentuam o nascimento (que é a figura berço, nobre nascimento) e o estilo de vida<sup>38</sup>. Segundo Bourdieu, os interesses mágicos são cada vez mais freqüentes quando se observa os pontos mais baixos da hierarquia social, fazendo-se presentes sobretudo nas classes populares, distantes da chamada “sistematização racional”. Para ele, quanto maior for o peso da tradição popular numa civilização, tanto mais a religiosidade se orienta pela magia. E o contrário se mostra nas civilizações onde as profissões urbanas se desenvolvem em maior grau, surgem com mais facilidade as condições adequadas para a “racionalização” e para a “moralização” das necessidades religiosas<sup>39</sup>. Essa é exatamente a condição do contexto brasileiro. As comunidades cristãs que mais crescem são aquelas que usam com mais propriedade as técnicas dos elementos simbólico-fenomenológicos.

Max Weber, citado por Bourdieu, afirma que nas classes mais privilegiadas o sentimento de dignidade prende-se à convicção de sua própria excelência, da perfeição de sua conduta de vida, que é a expressão do seu “ser qualitativo”; já entre as classes menos privilegiadas, funda-se a esperança de uma promessa de redenção do sofrimento, e no apelo da providência, capaz de dar sentido ao que “são e o que virão a ser”<sup>40</sup>. Aqui podemos citar a proliferação da conhecida “teologia da prosperidade”.

Portanto, quando Tillich conjecturou sobre o “fim da era protestante”, levou em consideração justamente estes fatores sociais. Para ele, a sobrevivência do protestantismo depende do absurdo crescimento da vida intelectual. Talvez, então, a nossa sobrevivência como povo presbiteriano dependa exclusivamente dessa transformação social racionalizante. Contudo, há também a possibilidade da reinterpretação e readequação dos nossos símbolos doutrinários, visando uma atuação mais contextualizada numa sociedade tão desintegrada como a brasileira.

## **2. POSSIBILIDADES DE READEQUAÇÃO DOUTRINÁRIA NO PRESBITERIANISMO BRASILEIRO**

Para o Rev. Dr. Antônio Gouveia Mendonça, a IPIB traz historicamente duas fontes básicas de teologia. A primeira é a Confissão de Fé de Westminster, representando a base dogmática. A segunda fonte é o “Salmos e Hinos”, representando a base litúrgica, que por sinal, distancia-se em muito da índole presbiteriana<sup>41</sup>.

A introdução do Presbiterianismo no Brasil se deu pelo método missionário de inculturação. Essa forma, chamada por Mendonça de Protestantismo de missão, deformou a tradição calvinista no Brasil. Se considerarmos, por exemplo, as diversas mensagens teológicas e doutrinárias presentes em muitos dos nossos hinos tradicionais, veremos que existem várias teologias que destoam da nossa tradição reformada calvinista.

A liturgia calvinista traz alguns dados característicos que são dignos de consideração. Por exemplo, Calvino insistia na integridade bíblica e teológica do culto. Disse também que o culto não deve apenas estar correto, mas deve também ser compreendido. O culto correto tem a marca

---

<sup>38</sup> BOURDIEU. *op.cit.*, p.24.

<sup>39</sup> *Idem*, p.84.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p.87.

<sup>41</sup> MENDONÇA, Antônio Gouveia. *In: Teologia no Brasil: teoria e prática*. São Paulo, ASTE/Sinodal, 1985, p.108.

da inteligibilidade bíblica e teológica. Com isso, Calvino não negou, por exemplo, o elemento emocional do culto. Disse Calvino: *um bom sentimento para com Deus não é algo morto e estúpido, mas uma disposição alegre que procede do Espírito Santo, quando o coração é corretamente tocado e a compreensão iluminada*<sup>42</sup>. Diante desse dito de Calvino, podemos listar então um traço negativo da inculturação européia e norte-americana incutido na cultura brasileira. Fomos educados liturgicamente a reprimir nossas emoções e expressões corporais nos momentos de culto. Isso é contrário ao que disse Calvino.

Outra característica da liturgia calvinista que é digna de nota, é o cuidado que se deve ter para que a melodia não obscureça o sentido, a mensagem. Calvino dizia que os cânticos no culto não devem ser delirantes nem frívolos, mas convincentes e majestosos. Para Calvino, os cânticos espirituais só devem ser entoados com o coração; todavia, o coração deve sempre buscar o entendimento.

No diretório oficial das ordenações litúrgicas aprovado pela Assembléia Geral da IPIB em dezembro de 1999, traz, por exemplo, no tópico sobre normas de culto: *o culto deve ser moldado pela experiência da igreja na história e especialmente pela tradição reformada. A estrutura do culto deverá também ser moldada pela cultura e as necessidades da igreja contemporânea*<sup>43</sup>. Nós presbiterianos independentes também nos sentimos honrados em pertencer à tradição reformada. Porém, precisamos valorizar o nosso próprio método de releitura da tradição, para não correr o risco de perpetuar o tradicionalismo e com isso destruir a tradição e a nossa própria cultura. Ainda sobre as normas do culto reformado, as nossas ordenações litúrgicas dizem *que o preparo da liturgia deve incluir a riqueza e diversidade cultural de uma congregação bem como considerar as suas necessidades e as circunstâncias locais*<sup>44</sup>.

Ainda citando o diretório oficial das nossas ordenações litúrgicas, que sobre a música no culto diz *Através dos tempos, a Igreja tem utilizado outras formas musicais, em culturas diferentes, para que a congregação ore. O principal papel do coro e de outros que cantam é conduzir a congregação para que ore cantando. Eles também podem orar em nome da congregação com intróitos, resposos ou outros cânticos. A música instrumental também pode ser uma forma de oração, mesmo sem palavras. A finalidade da música no culto não é divertir ou mostrar habilidades artísticas nem servir para encobrir o silêncio. As orações podem ser feitas estando a congregação em pé, de joelhos, erguendo as mãos, assentada, impondo as mãos na intercessão, nas súplicas ou na ordenação*<sup>45</sup>. Portanto, a readequação das nossas doutrinas, ou seja, a aplicação litúrgica daquilo que cremos deve ser moldada levando em consideração a nossa diversidade cultural. Não podemos mais nos negar ao diálogo entre o antigo e o novo.

### **3. REINTERPRETANDO A PREDESTINAÇÃO NA PERSPECTIVA SIMBÓLICO-FENOMENOLÓGICA**

Dos muitos hinos tradicionais extintos no CTP, quero citar o exemplo do hino nº 284 “A última hora” do Salmos e Hinos. A mensagem teológica desse hino se opõe radicalmente à mensagem da nossa tradição reformada calvinista. O coro desse hino traz a seguinte mensagem: *“Meu amigo, hoje tu tens a escolha: vida ou morte, qual vais aceitar? Amanhã pode ser muito tarde. Hoje Cristo te quer libertar”*. Essa mensagem destoa da nossa tradição. Nós presbiterianos

<sup>42</sup> LEITH, John H. *A Tradição Reformada*. São Paulo, Pendão Real, 1997, p.287

<sup>43</sup> Diretório oficial de Ordenações Litúrgicas da IPIB: *Sobre normas bíblicas para o culto*.

<sup>44</sup> *Op.cit*

<sup>45</sup> Diretório oficial, *idem*.

cremos e ensinamos que é Deus quem nos escolhe em Cristo por meio de sua exclusiva graça. Ou, como dizia Calvino, com o pecado, o ser humano ficou desprovido de qualquer condição para escolher o bem. Para o Dr. Mendonça, a Congregação Cristã no Brasil é mais presbiteriana do que os próprios presbiterianos, pois, esta - diferente de nós - não faz campanhas evangelísticas, ou, o chamado “apelo”<sup>46</sup>. Nós presbiterianos não só fazemos como também o tornamos oficial, quando, por exemplo, regulamentamos no diretório oficial das ordenações litúrgicas que diz:

*O convite ao discipulado cristão deve ser feito sempre e regularmente nos cultos do dia do Senhor, mas o conselho pode autorizar a realização de cultos apropriados para a evangelização em épocas especiais. O elemento essencial desses cultos é a proclamação da Palavra com ênfase especial na graça redentora de Deus em Jesus Cristo, o senhorio reivindicado por Cristo sobre a vida humana e seu convite ao discipulado, que são fortalecidos pela ação do Espírito Santo. Essa proclamação envolve a leitura das Escrituras, a pregação e a Palavra cantada, ensinada e confessada. Em torno desse ato central deve haver oração de preparação para os cultos; no culto próprio, orações de louvor, gratidão, confissão, intercessão e súplica; depois do culto, oração para que os novos discípulos sejam fortalecidos em seu compromisso com Cristo, tornando-se membros atuantes da vida da igreja. O culto deve incluir um “convite claro para assumir ou renovar o compromisso com Cristo como Senhor e Salvador,” e com a comunidade da aliança, que é o corpo de Cristo. Tal compromisso deve ser resultado da “entrega de uma vida a Jesus Cristo como Senhor e Salvador e incluir um novo relacionamento entre as pessoas,” uma nova consciência dos dons a serviço de Deus bem como um envolvimento especial na ação redentora de Cristo no mundo. Aos que tomam a sua decisão deve ser oferecida a instrução necessária para apoiá-los em seu compromisso e equipá-los para a vida do discipulado. “Os que tomaram sua decisão pela primeira vez deverão fazer sua pública profissão de fé.” aos que apenas renovam o seu compromisso com Cristo deve ser dada a oportunidade durante um culto no dia do Senhor para que haja o reconhecimento público de sua reafirmação de fé.<sup>47</sup>*

A meu ver, esse tópico sobre convite para o discipulado, comumente conhecido como “apelo” apresenta uma riqueza simbólico-fenomenológica muito grande. Ela foge consideravelmente do conceito puro da racionalização e privilegia em certa medida a categoria do sentimento. O fato de cremos que nesse momento o Espírito de Deus está se manifestando sobrenaturalmente sobre as pessoas, enriquece a simbologia numinosa (fenomenológica), que a rigor, move a religião. Apesar de ser o oposto daquilo que durante séculos a tradição calvinista pregou, sobre a dupla predestinação, parece que começamos a reinterpretar tal doutrina a partir de novos conceitos teológicos. Aliás, isto está perfeitamente dentro do princípio reformado: *Igreja reformada, sempre se reformando*.

Já temos vários textos publicados oficialmente pela IPIB, que vêm gradativamente suavizando a tão polêmica doutrina da predestinação. Temos a revista (Reformados pela Palavra), publicada em 2002 pela Pendão Real, de autoria do reverendo Eduardo Galasso. Temos também o livro (Grandes temas da tradição reformada), publicado pela mesma editora em 1998.

<sup>46</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990, p.49

<sup>47</sup> DIRETÓRIO OFICIAL PARA O CULTO A DEUS. *Ordenações litúrgicas da IPIB. Texto aprovado pela Assembléia Geral, em dezembro de 1999*. Tópico 5.5 Reuniões Evangelísticas. pp.20-21.

Nessa obra há especialmente um texto de Hendrikus Berkhof, sobre vida cristã, que trata de forma ponderada sobre a predestinação. Para Berkhof, sempre foi um problema tentar definir a doutrina da eleição racionalmente<sup>48</sup>. Portanto, precisamos urgentemente reinterpretar nossos símbolos de fé. A sobrevivência e relevância do presbiterianismo neste século dependerá substancialmente dessa nova concepção histórico-teológica. Acredito que a sensibilidade litúrgica aliada à contextualização cultural e social, poderá ser a grande solução para o atual estado letárgico do presbiterianismo brasileiro.

Finalmente, acho que devemos dar razão a Barth, quando afirmou:

*Para os cristãos reformados, as confissões de fé são, por definição, percepções fragmentárias da revelação de Deus em Jesus Cristo, as quais são feitas para o momento, formuladas por uma comunidade cristã dentro de uma área geográfica limitada, e com autoridade somente até uma formulação mais ampla*<sup>49</sup>.

Se nós presbiterianos tivermos ousadia para fazer teologia e não somente repetir teologia, talvez então, concordaremos com Barth que dizia que todas as confissões devem estar sujeitas à revisão e à correção. Se nos negarmos à essa tarefa, então, não teremos mais o direito de nos incluir entre aqueles que comemoram o 31 de outubro de 1517. A saúde da tradição reformada está justamente no imperativo de se reformar sempre.

*A teologia é como maná. Tem de ser escrita para o momento. Ainda que as grandes teologias do passado sirvam de proveito para gerações posteriores, não podem ser simplesmente repetidas sem se estragarem*<sup>50</sup>. Karl Barth.

Adilson de Souza Filho  
Pastor na IPI do Jabaquara,  
Doutorando em Ciências da Religião pela UMESP.  
[adilsom.de@terra.com.br](mailto:adilsom.de@terra.com.br)

---

<sup>48</sup> BERKHOF, Hendrikus. In: *Grandes temas da tradição Reformada*. São Paulo, Pendão Real, 1998, artigo: A vida cristã: Perseverança e renovação, p.140.

<sup>49</sup> BARTH, Karl. *Theology and the church*, p.112. Citado por Shirley C, Guthrie. *Sempre se reformando*. São Paulo, Pendão Real, 2000, p.52.

<sup>50</sup> BARTH, Karl. In: *A tradição reformada*. São Paulo, Pendão Real, 1997, p.165

## PEDAGOGIA DA FIDELIDADE NA TRANSMISSÃO DO TEXTO SAGRADO

### INTRODUÇÃO

O título do presente artigo - *Pedagogia da Fidelidade na Transmissão do Texto Sagrado* - surge em hora oportuna, ainda mais pela ocasião do I Simpósio de Educação Cristã. Considerando o uso habitual da bíblia e suas interpretações nas igrejas cristãs, vê-se extremamente relevante uma reorganização hermenêutica nas comunidades evangélicas. A hermenêutica bíblica é simplesmente um método de leitura da bíblia que necessita ser explicado e organizado.<sup>51</sup> É sobre essa afirmação de Severino Croatto que o presente se propõe como uma ferramenta de leitura para todos aqueles que insistem em explicar e organizar a mensagem verdadeira e essencial do texto sagrado.

Para que haja essa organização literária do texto sagrado é necessário que se compreenda o mesmo como obra viva, de movimentações constantes e sempre aberta. Ele é aberto por possibilitar uma quantidade generosa de possíveis leituras de seu texto. Uma prova da necessidade de instrumentos interpretativos para o texto sagrado, escreve Eliana B. Malanga, é justamente por ser o texto bíblico uma obra aberta, pois se fosse unívoco, não seria preciso, nem mesmo possível interpretá-lo.<sup>52</sup> Portanto, existe a possibilidade de leitura para o vendedor ambulante, para o camponês, para aquele que vive nos grandes centros urbanos, para o mais rico assim como para o mais pobre, para o negro, o índio, o estrangeiro, o homem e a mulher, para o judeu e para o grego, também para o fundamentalista, para o liberal, para o presbiteriano, para o luterano, o metodista.

Por outro lado, essa riqueza de sentido tornou-se na história uma grande desvantagem para a compreensão do texto bíblico. Uma vez que a partir do texto bíblico lia-se para confirmar pressuposições que muitas vezes eram adicionadas ao texto e não tiradas dele. Para esse fenômeno concedeu-se o nome de “eisxegese” justamente por colocar no texto um significado estranho ao próprio texto. Um exemplo de “eisxegese” é a interpretação do texto de Gênesis 4:15: *O SENHOR, porém, lhe disse: Assim, qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. E pôs o SENHOR um sinal em Caim para que o não ferisse de morte quem quer que o encontrasse*, acreditou-se que essa marca fosse a origem da raça negra. Contudo vale a pena lembrar que essa é uma interpretação de origem norte americana do final do século XIX. Observe que o texto não fala de cor, pele ou raça em nenhum momento.

Portanto, diante do grande desafio de leitura e interpretação do texto sagrado é que o presente surge como ferramenta de compreensão da bíblia nas igrejas, nos púlpitos, em comunidades religiosas, em sala de aula e nas escolas dominicais. Os capítulos a seguir darão instrumentos e base para uma maior compreensão do cânon do Antigo e Novo Testamentos.

---

<sup>51</sup> CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica Bíblica. Para uma teoria da leitura como produção de significado*. p.7.

<sup>52</sup> MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como Obra Aberta. Uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. p.193.

## 1. OS TEXTOS ORIGINAIS

Tanto Antigo quanto o Novo Testamentos não foram escritos em português, mas sim em hebraico e grego respectivamente. Mais, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento não foram escritos para hoje, e sim para a comunidade local de sua época. Sendo assim as igrejas cristãs hoje encontram-se demasiadamente distantes da mensagem original do texto sagrado.

Apesar disso, essa distância não pode separar as comunidades cristãs contemporâneas da mensagem bíblica e para que isso realmente não aconteça é que a interpretação/hermenêutica bíblica é de fundamental importância.

No passado a mensagem bíblica teve um EMISSOR – o seu TEXTO – e um RECEPTOR definidos, os quais eram homens e mulheres que viveram no pós-exílio durante a reconstrução da comunidade judaica, Isaías 56-66, por exemplo. Ora, essa mensagem tinha uma função específica para pessoas específicas e descobrir essa mensagem é tarefa da exegese, que pode ser apenas uma. Entretanto, conforme Croatto:

*O ponto de partida da leitura bíblica é a convicção que Bíblia não é um depósito fechado que já disse tudo. É um texto que diz no presente, mas que fala como texto, não como uma palavra difusa e existencial... A tensão entre ser um texto fixado em um horizonte cultural que já não é o nosso, e ser uma palavra viva que pode mover a história, somente se resolve através de uma releitura frutífera. Isto equivale a enunciar o problema da hermenêutica bíblica.<sup>53</sup>*

Severino Croatto chama a atenção para a tarefa de fazer cumprir uma releitura frutífera do texto bíblico. Isso significa que apesar do texto não ter sido escrito para hoje e endereçado para nós ele pode sim ser lido e compreendido hoje, para isso basta cumprir com o exercício da releitura hermenêutica.

Para que isso aconteça é necessário observar alguns critérios hermenêuticos, dentre eles saber que a bíblia reserva em sua mensagem o que se chama de *polissemia* de sentido. Ou seja, o texto vivo – palavra de Deus – é rico em sentido e significado, assim um mesmo texto pode ser lido várias vezes e interpretado de maneiras diferentes.

Tanto ao Antigo quanto ao Novo Testamento se aplica o que se viu acima, guardadas as diferentes proporções. Se se olha com atenção para as diversas narrativas do Antigo Testamento, logo se observa as diferentes mãos redacionais pelas quais passou o texto até ser compilado, por exemplo o livro de Gênesis, Êxodo, Levítico. Contudo, o mesmo não acontece com o Novo Testamento que, mais recente, apresenta uma única mão redacional para cada livro, regra geral.

Sendo assim para qualquer leitura séria que se faça da bíblia hoje deve-se levar em consideração a compreensão dessa reserva de sentido ao qual o texto sagrado está sujeito, também que a bíblia precisa ser tratada com seriedade observando critérios hermenêuticos como

---

<sup>53</sup> CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica Bíblica. Para uma teoria da leitura como produção de significado*. p.7.



a sujeição de textos bíblicos a uma séria análise exegética antes de se aplicar uma releitura contextualizada da mensagem bíblica nas comunidades de base.

## **2. O MÉTODO DE LEITURA DA BÍBLIA**

Em toda leitura textual aplica-se um método, seja ele tradicional ou mais contemporâneo, para toda leitura tem-se um método. No caso da bíblia cristã, não diferente de outros textos, há demasiada controvérsia, uns se intitulam mais conservadores, outros mais liberais, de todo modo a diferença entre as formas de leitura do texto sagrado é a “lente” usada pelo leitor. Por “lente” entende-se a maneira, ou o foco que o próprio leitor dará em sua leitura, se mais perto ou mais longe, se mais à direita ou à esquerda, se acima ou abaixo. Para cada “lente” de leitura usada se compreenderá o texto de forma diferente.

Contudo, existe a necessidade de se atribuir à leitura um método específico que não tem nada a ver com a lente mas sim com os recursos usados na hora de se manusear e interpretar o texto. Esses recursos são instrumentos literários que vão aproximar o leitor do contexto vivencial de seu texto, ou seja, o local, a comunidade, a cultura e a sociedade em que o texto foi escrito, como por exemplo a análise sociológica, histórica, política, cultural da época. Esse método de leitura denomina-se “método histórico-crítico” de leitura do texto sagrado. Método de pesquisa histórica inquiridora principalmente da situação vivencial da sociedade na época em que os textos foram produzidos.

Há, no entanto, forte resistência à aceitação de um método que se propõe a criticar a bíblia cristã em sua origem. Isso se dá por uma tradição com a qual foi ensinada a mensagem bíblica quando da evangelização presbiteriana no país no século XIX. De qualquer forma tem-se que levar em consideração o processo de transmissão e formação do texto sagrado, bem como sua mensagem original à cultura e povo local, diferente de hoje.

Com isso afirma-se que o texto bíblico foi escrito para uma determinada comunidade e para ela uma mensagem específica, dizer que essa mesma mensagem se aplica “*ipses literes*” hoje é desfocar de tal maneira a “lente” de leitura do texto sagrado a ponto de não se descobrir a mensagem de Deus para a igreja hoje. É justamente por isso que uma interpretação criteriosa é fundamental pois tem-se em conexão a mensagem original do texto com sua interpretação para a igreja hoje, sem o devido trabalho da exegese e da hermenêutica bíblica atribui-se arbitrariamente à palavra divina conceitos e preconceitos humanos.

## **3. UMA LEITURA CONTEXTUALIZADA DO TEXTO SAGRADO**

Algo que chama a atenção na interpretação textual dos livros sagrados é a ausência de uma contextualização sócio-religiosa. Quando essa contextualização não acontece o que se vê é uma distanciação ainda maior entre a mensagem bíblica e a comunidade local. No entanto para que haja essa contextualização referida existe a necessidade de se compreender primeiro a situação vivencial local e depois aplicá-la à hermenêutica bíblica.

Um exemplo clássico de leitura contextualizada da bíblia é a atualização teológica pela qual passou a América Latina, desenvolvendo uma teologia Latino-Americana e chamando-a de

Teologia da Libertação. Não deseja-se pormenorizar questões próprias da Teologia da Libertação mas sim destacá-la como leitura contextualizada da bíblia. Enquanto nos Estados Unidos, bem como na Europa divulga-se uma leitura própria para sua realidade, na América Latina lê-se a bíblia a partir de uma realidade comunitária de base, no meio do povo, humilhado, esquecido, empobrecido e oprimido. A Teologia da Libertação contextualiza textos bíblicos e os coloca em defesa dessas pessoas. Isso é trazer o sentido do texto sagrado para perto do povo.

Entretanto não se pode confundir leitura contextualizada com leitura aleatória da bíblia. Compreendendo essas duas diferenças afirma-se que quem melhor contextualiza o texto sagrado são as igrejas neo-pentecostais, contudo quem mais aleatoriamente lê os mesmos textos bíblicos são igrejas neo-pentecostais também. O meio termo e o bom senso são muito bem-vindos. Precisa-se compreender a estrutura literária a qual os textos bíblicos pertencem, bem como entender os mesmos textos como textos carregados de sentido hermenêutico-bíblico para a comunidade contemporânea, sabendo que o texto fala por si só à uma comunidade carente do mesmo. Depositar sentido pessoal no texto bíblico é, mais uma vez, “eisxegese”.

## CONCLUSÃO

Por fim, afirma-se que não pode haver leitura fiel do texto sagrado, pode sim haver leitura contextualizada, pois toda contextualização bíblica é fiel. Ela é fiel por responder ao anseio da comunidade de fé. Nem toda transmissão do texto sagrado é fiel, pois transmissão é comunicação e como em toda comunicação há critérios, aqui também. O primeiro deles parte da premissa de uma boa exegese do texto bíblico, que seja, uma boa tradução dos originais, uma boa contextualização literária e uma análise sócio-histórica devidamente apreciada do texto. Outro critério é a interpretação do texto bíblico, a realização da hermenêutica-bíblica do texto é fundamental para se chegar à mensagem essencial.

De tudo basta a reflexão sobre a necessidade da atualização do estudo bíblico para a educação cristã. As igrejas reformadas carecem dessa atualização teológica, ou de uma reforma da interpretação bíblica bem como as igrejas neo-pentecostais precisam de ferramentas exegéticas para a compreensão do próprio texto bíblico. As igrejas presbiterianas serão mais bem preparadas se sua liderança souber ler, aplicar e contextualizar melhor a mensagem cristã contida na bíblia.

## BIBLIOGRAFIA

CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica Bíblica. Para uma teoria da leitura como produção de significado*. Em: Estudos Teológicos AT e NT n° 5. São Leopoldo: Editora Sinodal & Edições Paulinas, 1986, p.76.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 1988, p.639.

GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. Em: Estudos Bíblico-teológicos do AT. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p.251.

MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como Obra Aberta. Uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas & FAPESP, 2005, p.336.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no Exílio. História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas / Editora Sinodal, 1987, 134p.

WELLHAUSENN, Julius. *Prolegomena to the history of Ancient Israel. The classic and original statement of the theory of "Higher Criticism" of the Old Testament*. New York: The Meridian Library, 1957, 552p.

Reverendo Dallmer Palmeira Rodrigues de Assis  
Mestre em Ciências da Religião pela UMESP  
Pastor da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de Rio Preto  
[assisl@hotmail.com](mailto:assisl@hotmail.com)